



ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS

GUIA DE ESTUDOS

SIA 2022

Apresentação da mesa

Pedro Borges

Olá, delegades, como vão? Meu nome é Pedro Borges, estou na 3ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Agostinho e sou Diretor da OEA 2007 sobre a Onda Progressista. Minha experiência na SIA começou em 2019, como delegado em um CDH e, desde então, eu só me apaixono mais por simulações. Na SIA XI, fui assessor da Liga das Nações e é com muito orgulho que nessa SIA XII, trazemos esse tema a vocês, depois de meses de trabalho. Espero que aproveitem e aprendam muito. Boa simulação!

Bárbara Carvalho

Eii delegados, tudo bem? Meu nome é Bárbara Carvalho, estou no 3º ano do Ensino Médio no Santo Agostinho e sou vice-diretora da OEA junto com a Gabi! Meu primeiro contato com a SIA foi em 2019, fui delegada do CDH, apesar de estar com um pouco de medo e nervosa por conta da timidez, foi uma experiência incrível e que me fez amar simulações. Depois em 2021 fui chamada para ser assessora da Liga das Nações e, agora, vice da OEA. Espero que todos nós tenhamos uma ótima simulação!!

Gabriela Caldas

Olá, delegades! Prazer em conhecer vocês! Meu nome é Gabriela Caldas e eu sou do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Santo Agostinho! Sou vice-diretora da OEA e essa é minha primeira experiência como mesa! Participei da SIA pela primeira vez em 2019 como delegada no CDH, e em 2021 como delegada na Liga das Nações. Estou muito animada em fazer parte da comissão desse ano e espero que vocês aproveitem muito essa edição e o nosso comitê. Estamos aqui para ajudar vocês! Boa simulação!

Luisa Lage

Olá, delegados, tudo bem? Muito prazer, meu nome é Luisa Lage, faço parte do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Santo Agostinho e sou assessora do comitê. Minha experiência se iniciou ano passado como logística na SIA XI online; eu nunca tinha vivenciado nada do tipo antes e me apaixonei logo de cara. Essa vai ser a minha primeira simulação presencial e a minha primeira vez participando da mesa, eu estou muito feliz em vivenciar isso nesses 3 dias com vocês. Boa simulação!

Lucas Alvarenga

Olá, delegados, meu nome é Lucas Alvarenga e vou fazer parte do comitê da OEA como assessor. Essa vai ser minha primeira experiência, se tiver qualquer dúvida ou problema estamos aqui para ajudar. Espero que aproveitem essa simulação que preparamos para vocês!

Índice

- I. Apresentação do tema
- II. A Organização dos Estados da América (OEA)
 - 1. Contexto de criação
 - 2. Objetivos
 - 3. Países membros
- III. A Onda Progressista ou “Onda Rosa”
 - 1. O que foi
 - 2. Contexto histórico
 - 2.1. Ditaduras neoliberais e o Plano Condor
 - 2.1.1. O Consenso de Washington
 - 2.2. O caso de Cuba
 - 2.3. Governos de esquerda/centro-esquerda
 - 2.3.1. O “*Boom*” das commodities
 - 2.3.2. Medidas
- IV. Relações exteriores da América Latina
 - 1. Economia latino-americana
 - 2. América Latina na Divisão Internacional do Trabalho (DIT)
 - 3. EUA e América Latina
 - 4. MERCOSUL
 - 5. ALBA vs ALCA
 - 6. UNASUL
- V. Representações
 - 1. Comunidade de Bahamas
 - 2. República de Cuba
 - 3. República Argentina
 - 4. Estado Plurinacional Bolivariano
 - 5. República da Costa Rica
 - 6. República da Nicarágua
 - 7. Canadá
 - 8. República de El Salvador
 - 9. República do Panamá
 - 10. Estados Unidos da América
 - 11. República do Haiti
 - 12. República Oriental do Uruguai
 - 13. República do Paraguai
 - 14. República do Chile
 - 15. República Federativa do Brasil
 - 16. República Bolivariana da Venezuela
 - 17. República de Honduras
 - 18. Jamaica
 - 19. República Cooperativa da Guiana

20. República da Guatemala
 21. República do Equador
 22. República do Peru
 23. República da Colômbia
 24. Estados Unidos do Mexicanos
 25. Reino Unido da Grã-Bretanha *
 26. República da Índia *
 27. República Francesa *
 28. Federação Russa *
 29. República Popular da China *
 30. República da África do Sul *
 31. Estado do Japão *
 32. República Federativa da Alemanha *
 33. Organização Internacional do Trabalho *
 34. Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico *
- * Membros observadores.

VI. Bibliografia

I. Apresentação do tema

Em um contexto pós-Guerra Fria e de estabelecimento de uma nova ordem mundial, uma série de governos de esquerda é eleita na América Latina, logo após um extenso período neoliberal e ditatorial, em parte do continente. A esse fenômeno, foi dado o nome de “Onda Rosa”, ou “Onda Progressista”.

Nesse intervalo de tempo, é visível o aumento da renda *per capita* e a diminuição das desigualdades na América Latina, por exemplo. De forma semelhante, vê-se projetos que buscavam integrar cada vez mais a região, promovendo um alto desenvolvimentismo interno. Isso ocorreu, inclusive, durante o “boom” das commodities, período em que o preço de produtos primários aumentou, provocando lucros exorbitantes para seus exportadores. Esse grande faturamento representou uma certa ameaça às grandes potências econômicas, que sempre exerceram grande influência na América Latina, dependendo crucialmente de seus recursos primários. Por isso, muitos entendem que essa mudança pode impactar a Divisão Internacional do Trabalho e outros sistemas econômicos mundiais. Logo, apesar do cenário econômico e social favorável, o período representou também a intensificação de tensões políticas, tanto internas, como externas.

Diante disso, a Organização dos Estados da América (OEA) realiza uma Assembleia Geral no ano de 2007, a fim de discutir os impactos econômicos e políticos da Onda Progressista na América Latina. Cabe a você, caro(a) delegado(a), resolver o impasse entre os países latino-americanos em desenvolvimento e os países desenvolvidos (não apenas os americanos), e definir qual o melhor plano de desenvolvimento para essas nações, além de debater sobre a criação de alianças econômicas como uma forma de solução, tudo isso de maneira diplomática e assegurando o respeito para com os direitos humanos.

Boa sorte!

II. A Organização dos Estados Americanos (OEA)

1. Contexto de criação

A Organização dos Estados Americanos (OEA) é uma associação criada em 1948 com o objetivo de garantir a paz, a segurança e promover a democracia no continente americano.

Oficialmente, a OEA foi criada em 1948, na cidade de Bogotá, Colômbia, com a assinatura da Carta da Organização dos Estados Americanos, que entrou em vigor três anos depois. Contudo, a história dessa organização é mais antiga do que imaginamos.

Ainda no século XIX, o venezuelano Simón Bolívar conquistou adeptos à sua pretensão de descolonização da América Espanhola, o que mais tarde seria chamado de panamericanismo. A ideia era unificar os territórios, que, naquela época, pertenciam à Espanha. Em 1826, o Primeiro Congresso do Sistema Interamericano foi convocado por Bolívar para dar início a essa união.

Todavia, foi em 1889, na cidade de Washington, Estados Unidos, que os Estados americanos decidiram se reunir periodicamente para colocar em prática ações inspiradas nos ideais bolivarianos, adotando soluções para melhorar a comunicação entre eles, além de resolver eventuais disputas que poderiam surgir. Durante a primeira metade do século XX, a União Pan-Americana promoveu

encontros entre os países-membros, que nesse período eram 18. Nesses encontros, questões envolvendo saúde, direitos das crianças e mulheres, agricultura, justiça e segurança política/econômica foram discutidas.

Em 1948, com a presença de 21 países, a OEA surgiu como conhecemos atualmente. A primeira dificuldade foi em relação ao nome. Cogitou-se usar “Repúblicas” ou “Nações”, mas muitos países americanos não adotavam o republicanismo em seus governos, e “nação” é mais um conceito cultural e sociológico do que jurídico. Com isso, foi escolhido o nome que conhecemos hoje. A sede da OEA está localizada na capital estadunidense, Washington D.C.

2. Objetivos

A OEA é, nesse sentido, uma organização cujos objetivos principais estão centrados na garantia da inclusão dos países membros, tal como o desenvolvimento econômico, social, político e cultural, baseados no ideal de soberania das nações individualmente.

3. Países membros

Desde a fundação oficial, em 1948, a OEA prioriza Estados americanos que possuam boa segurança interna e que respeitem os princípios democráticos estabelecidos na Carta das Nações Unidas.

Atualmente, a OEA conta com 35 Estados permanentes, 69 Estados observadores, além da União Europeia, que se encaixa como um grupo observador. São Estados-membros: Antígua e Barbuda, Argentina, Bahamas, Barbados, Belize, Bolívia, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Dominica, El Salvador, Equador, Estados Unidos, Granada, Guatemala, Guiana, Haiti, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Santa Lúcia, São Cristóvão e Nevis, São Vicente e Granadinas, Suriname, Trinidad e Tobago, Uruguai e Venezuela.

Observação: Cuba está na lista de países da OEA, mas não possui efeito legal desde 1962, quando foi excluída da organização. No entanto, no comitê, a delegação terá, sim, efeito legal e não constará como membro observador.

III. A Onda Progressista ou “Onda Rosa”

1. O que foi

A Onda Progressista, ou Onda Rosa, foi um marco conjuntural na história da América Latina, caracterizado pela ascensão de uma série de governos de esquerda (ou “de esquerdas”, de acordo com o jornal francês *Libération*, justificando a pluralidade de ideais desses governos) ao poder. O termo “onda rosa” está relacionado a uma fala de um jornalista do *The New York Times*, Larry Rohter, em março de 2005, sobre o fato de a eleição de Tabaré Vázquez, ex-presidente uruguaio, ser parte de “não tanto uma maré vermelha, e sim uma rosa”, sendo a simbologia vermelha uma referência ao comunismo e, portanto, a referência ao rosa como uma esquerda mais alinhada aos princípios liberais. Esses governos foram marcados, principalmente, pela social-democracia em confronto com o

neoliberalismo vigente desde a década de 1970 e consolidado na década de 1990, após o Consenso de Washington.

2. Contexto histórico

No cenário do pós-Segunda Guerra, instalou-se no mundo uma polarização mundial, que consistiu na competição (corrida armamentista, corrida espacial, desenvolvimentos tecnológicos e infraestruturais, etc.) entre Estados Unidos e União Soviética, ambos exercendo influências políticas e econômicas sobre os países do mundo inteiro, de forma que o primeiro se baseava nos princípios capitalistas e o segundo, nos socialistas. Embora ambas as potências não tenham entrado em conflito direto, suas ideologias se expandiram ao longo da segunda metade do século XX, interferindo tanto na vida privada, quanto na vida pública dos cidadãos de todo o mundo, período esse conhecido como Guerra Fria.

No que tange à América Latina, havia um receio, provocado, principalmente, por propaganda anticomunista estado-unidense, em relação à possível expansão do socialismo soviético à região. Durante o século XX como um todo, os Estados Unidos enxergavam na América Latina um forte potencial econômico, o que também contribuiu para uma aliança mais forte entre os territórios.

2.1. Ditaduras neoliberais e o Plano Condor

Durante a Guerra Fria, foi notória a presença dos Estados Unidos na América Latina. Com o objetivo de conter o avanço socialista, o governo norte-americano foi responsável pelo financiamento de diversos golpes militares na região, instalando, assim, múltiplos governos autoritários de direita. Esses governos foram marcados, principalmente, pelas privatizações, pelas medidas de austeridade, pelo intenso poder militar, pela repressão e pela censura.

A linha do tempo da instalação dessas ditaduras foi:

1954 - Paraguai e Guatemala;

1964 - Brasil e Bolívia;

1966 - Argentina;

1968 - Peru;

1972 - Equador;

1973 - Uruguai e Chile.

Uma forte marca dessas ditaduras foi o crescimento econômico e a forte industrialização dessas nações. Essas características estiveram vinculadas ao capital nacional, moldado a partir de diretrizes norte-americanas, o que gerou investimentos para a modernização dessas nações. Por outro lado, sabe-se que o crescimento dessas nações economicamente não necessariamente elevou os seus índices sociais. O que ocorreu, na verdade, foi o contrário: o Estado se distanciou continuamente de seu papel de garantidor de direitos sociais, marginalizando ainda mais as minorias.

Foi criado, assim, o que ficou conhecido como “Plano Condor” ou “Operação Condor”, uma articulação secreta, criada em Santiago, no Chile, entre as ditaduras recém-instaladas na América Latina, principalmente Brasil, Bolívia, Paraguai, Uruguai, Argentina e Chile e os Estados Unidos. Essa aliança foi responsável pela realização de diversas ações coordenadas e clandestinas para combater o “perigo vermelho”, por meio de operações de inteligência, perseguições políticas e assassinatos. A Operação Condor pode ser dividida em três fases. A primeira consistiu na

comunicação entre os serviços de inteligência, com a criação de um banco de dados sobre opositores aos regimes ditatoriais. Na segunda fase, foram feitas operações conjuntas nos países latino-americanos, além da troca de prisioneiros. Finalmente, na fase três, houve esquadrões especiais com agentes dos países membros, que tinham como objetivo a tortura e o assassinato de opositores.

No final da década de 70, no entanto, essas ditaduras começam a se apresentar frágeis. Com os movimentos de Contracultura, iniciados nos anos 60, de forte caráter social, com a perda dos EUA na Guerra do Vietnã e com a ascensão de Jimmy Carter (1977) na presidência estado-unidense, houve um crescimento da oposição aos governos autoritários da América Latina. O governo de Carter foi especialmente marcado pela intenção em parar com as violações constantes dos direitos humanos nas ditaduras latino-americanas, no entanto, ainda com o receio de que esse “enfraquecimento” no controle da região abrisse portas para o avanço soviético.

Por fim, vale reiterar que essas ditaduras seguiram um modelo neoliberal, em oposição não apenas ao socialismo em expansão, mas também às práticas keynesianas de bem-estar social.



Mapa das ditaduras militares na América Latina na década de 1960.

2.1.1. O Consenso de Washington

O Consenso de Washington foi um conjunto de regras e bases formuladas em um encontro ocorrido na capital norte-americana em novembro de 1989. O consenso foi o marco definitivo do

estabelecimento das premissas do neoliberalismo, espalhadas durante a década de 90, em um cenário pós-Guerra Fria de consolidação do modelo capitalista no cenário mundial.

Apesar de popularmente difundido o nome “Consenso de Washington”, o nome original do encontro era “*Latin American Adjustment: How much has happened?*”, livremente traduzido como “Ajustamento Latino-americano: quanto aconteceu?”. Nessa reunião, ficaram definidas as principais condutas neoliberais com a intenção de combater as crises nos países subdesenvolvidos da América Latina, medidas essas que, posteriormente, foram adotadas em escala praticamente mundial.

Dentre as recomendações desse consenso, estão: **a reforma fiscal** (alterações no sistema tributário, diminuindo o número de impostos incidentes nas grandes empresas, para aumentar seus lucros e a livre concorrência), **a abertura comercial** (aumento de importações e exportações, pela redução de taxas alfandegárias), **as privatizações** (reduzir ao máximo a participação do Estado na economia, passando os gastos das empresas estatais para a iniciativa privada) e **a redução fiscal dos Estado** (diminuição de gastos do Estado, por meio da demissão em massa de funcionários, terceirizando serviços, e diminuição de leis trabalhistas). Se as nações não cumprissem essas premissas, elas encontrariam dificuldades em superar seus momentos de crise, além de não possuírem uma boa relação com os EUA e com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Portanto, foi visível a adoção dessas medidas por diversos governos na América Latina, como Carlos Menem (Argentina), Fernando Henrique Cardoso (Brasil), Alberto Fujimori (Peru), dentre outros. Como esperado, esses governos foram amplamente criticados por grupos de esquerda, devido às intensas políticas de privatização e às fortes medidas de austeridade. Esse cenário foi o estopim para a futura ascensão da esquerda no cenário latino-americano, o que caracterizou a Onda Rosa.

2.2. O caso de Cuba

Em um contexto de ascensão neoliberal na segunda metade do século XX em grande parte da América Latina e de grandes intervenções dos EUA na região, a sociedade cubana se organizou em um movimento que objetivava, inicialmente, a libertação em relação à ditadura de Fulgêncio Batista. O ápice desse movimento ficou conhecido como Revolução Cubana, que ocorreu em 1959 e foi liderada pelos irmãos Fidel e Raul Castro, Ernesto “Che” Guevara e Camilo Cienfuegos.



Revolução Cubana, 1959.

De imediato, o governo promoveu medidas para diversificação da economia do país e para a industrialização, além da reforma agrária e da nacionalização da exploração de recursos e das empresas do país. O alinhamento ideológico de Fidel Castro e de diversos outros líderes da revolução não era, ao contrário do que se pensa, com o socialismo. No entanto, as reformas promovidas nesse contexto provocaram uma acusação, por parte dos Estados Unidos, de que o governo cubano “era comunista”, o que culminou no rompimento de relações entre as duas nações e o posterior alinhamento de Cuba com a União Soviética. De acordo com o historiador Eric Hobsbawm,

“Embora radicais, nem Fidel Castro, nem qualquer de seus camaradas eram comunistas, nem (com duas exceções) jamais disseram ter simpatias marxistas de qualquer tipo. Na verdade, o Partido Comunista cubano, [...], era notadamente não simpático a Fidel, até que algumas de suas partes juntaram-se a ele, meio tardiamente, em sua campanha [...].

No entanto, tudo empurrava o movimento fidelista na direção do comunismo, desde a ideologia social revolucionária [...], até o anticomunismo apaixonado dos EUA na década de 1950 do senador McCarthy, que automaticamente inclinava os rebeldes latinos anti-imperialistas a olhar Marx com mais bondade. A Guerra Fria global fez o resto. Se o novo regime antagonizasse os EUA, o que era quase certo que faria, quando nada ameaçando os investimentos americanos, podia contar com os quase certos garantia e apoio do maior antagonista dos EUA”.

Cuba foi uma nação que possuiu grande apoio ideológico e financeiro da URSS até a sua dissolução, em 1991. A partir dessa data, Cuba encontrou dificuldades em se sustentar, forçando a abertura de sua economia ao capital estrangeiro.

2.3. Os governos de esquerda/centro-esquerda da Onda Rosa

No pós-Guerra Fria, com a ascensão praticamente mundial do capitalismo, os Estados Unidos reconheceram sua hegemonia e não viam mais um potencial ameaçador na esquerda, abrindo espaço para sua solidificação na década de 1990 e a subida ao poder na primeira década de 2000.

No entanto, vale ressaltar como que, desde o final da Guerra Fria, a esquerda mundial encontra-se extremamente fragmentada. O fim de um norteador de suas ideologias (URSS), provocou o surgimento de “diversas esquerdas”, sendo que a principal divisão que interessa na abordagem da temática da Onda Rosa é a entre a esquerda marxista e a esquerda social-democrata.

Para a esquerda radical, a visão das pautas identitárias está relacionada a uma culpa do sistema, considerando as minorias sociais vítimas do capitalismo, devendo, assim, se unir para acabar com isso, ou seja, a opressão de uma classe só vai acabar com o fim de todas as opressões. Na esquerda liberal, porém, muitas vezes tais pautas são tratadas individualmente, por exemplo, o Feminismo do início do século XX, que reivindicava direito à propriedade e ao trabalho para as mulheres, entretanto, sabe-se que, nessa época, já havia milhões de outras mulheres que já trabalhavam há séculos, como as negras e as indígenas, sendo essa vertente feminista do início do século XX bastante excludente. Na visão da economista e socióloga Dra. Sabrina Fernandes, essa esquerda liberal teria uma aptidão maior para ceder à ordem política, ou seja, se articular mais com outras partes da sociedade, como as elites, sendo uma criadora de “consensos”, com acordos entre classes.

Em uma crise social latino-americana, provocada pelos governos prévios, com tentativas fracassadas de privatização, cortes em gastos sociais e investimentos estrangeiros, os países ficaram com altas taxas de desemprego e desigualdade social crescente. Dessa forma, ocorre a ascensão da Onda Progressista, ou Onda Rosa. Como dito anteriormente, o viés ideológico desse movimento foi muito mais com a centro-esquerda do que com a esquerda propriamente dita. O marco inicial desse movimento é a ascensão de Hugo Chávez ao poder, em 1999, na Venezuela.

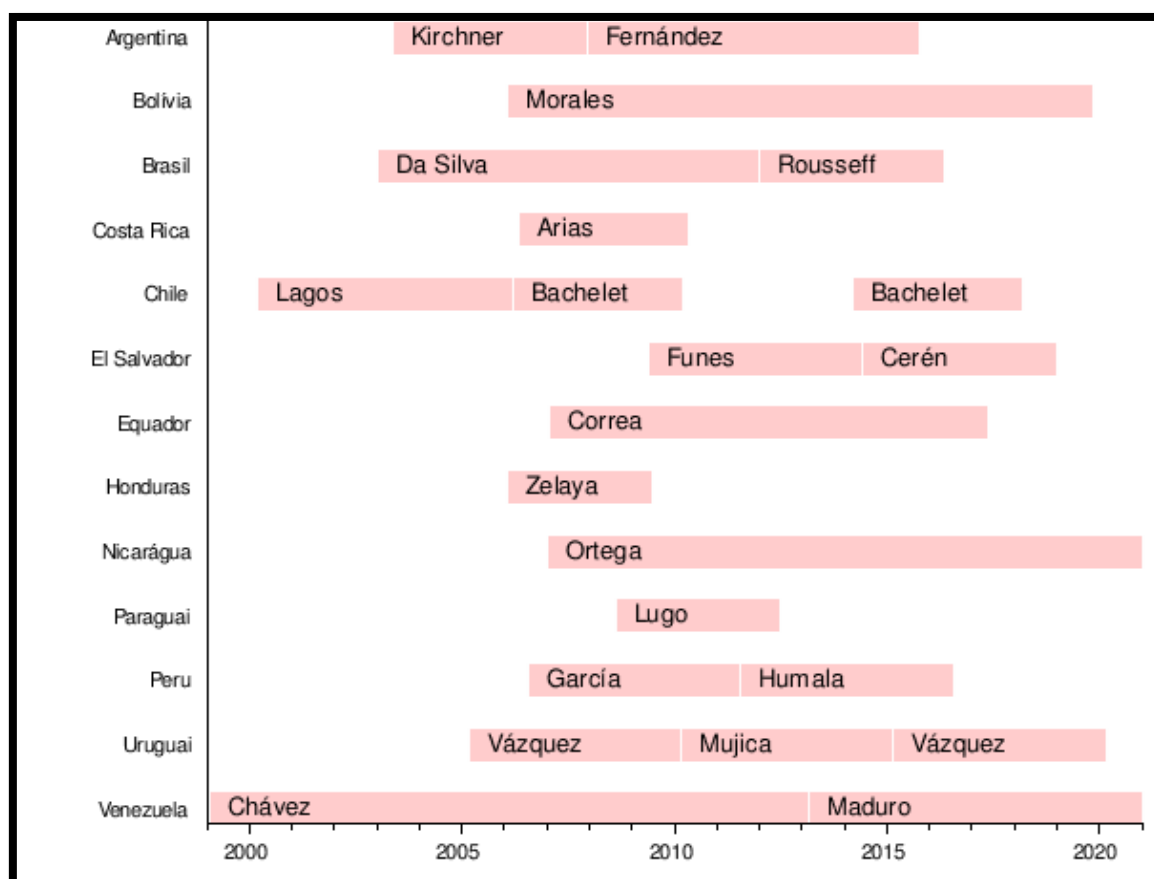
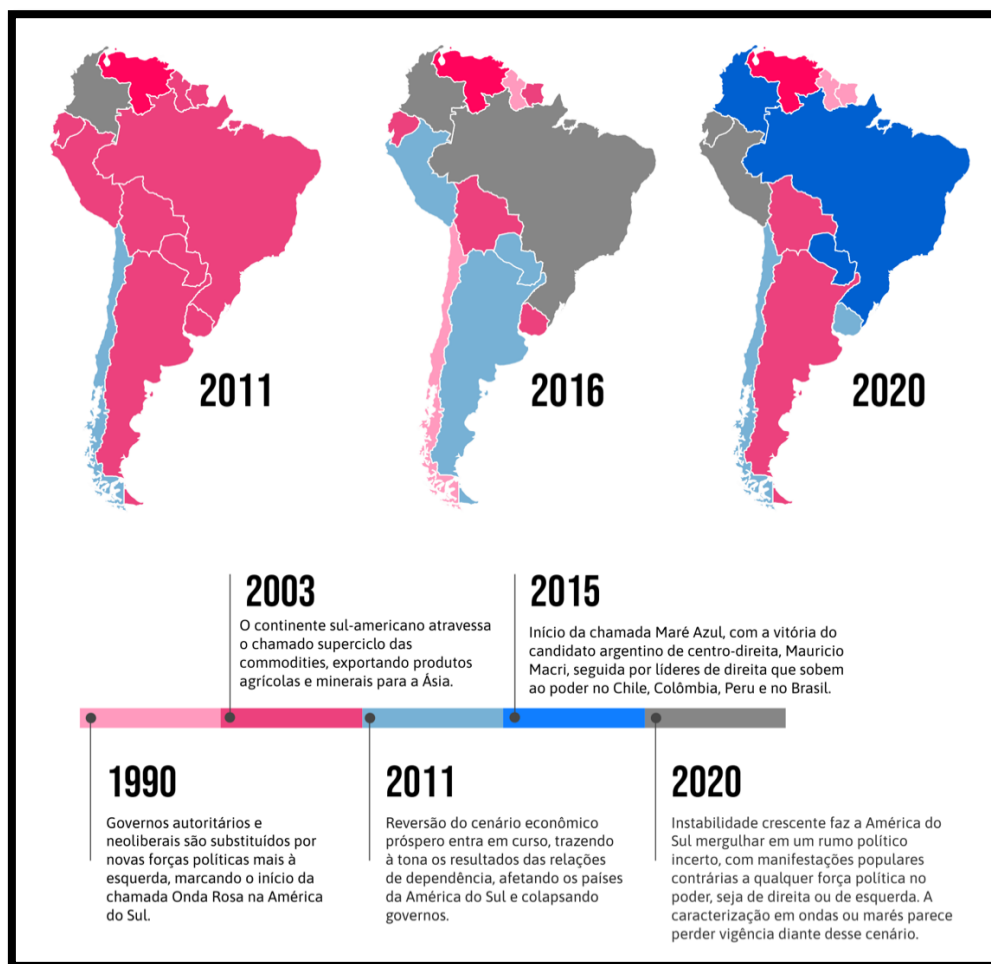


Gráfico dos governos de esquerda nos países latino-americanos, a partir de 1999.

No entanto, é preciso destacar que os governos da Onda Rosa foram bem diferentes, caracterizando diferentes experiências da esquerda latino-americana: em alguns países, experiências mais moderadas, em outros, mais radicais. Dessa forma, é notório que os projetos de governo foram particulares à cada região. Líderes políticos como Rafael Correa (Equador), Hugo Chávez (Venezuela) e Evo Morales (Bolívia) possuíram grande apoio popular, com pautas baseadas no anti-imperialismo e antineoliberalismo, entrando em um embate contra os EUA. Os Estados Unidos, por sua vez, reagiram de forma a desestabilizar esse movimento, como na intervenção feita na Venezuela, por meio da CIA, em abril de 2002, para abalar o governo de Chávez. Pode-se, ainda, citar o golpe militar de Honduras em 2009 e o golpe parlamentar no Paraguai em 2012.

Fora do contexto do comitê, pode-se destacar a posterior queda de vários desses governos de esquerda e a ascensão de uma “Onda Azul”, isto é, uma Onda Conservadora, completamente oposta à Onda Rosa.



Mapa de posicionamento político dos governos na América do Sul ao longo dos anos.

2.3.1. O “boom” das commodities

O chamado “boom” das commodities, ou superciclo das commodities, foi um fenômeno que contribuiu para grande parte do crescimento da América Latina. Ele consistiu no aumento de preços de matéria prima exportada, devido, principalmente, à alta na sua demanda por nações emergentes, como China e Índia, tal como o receio acerca da disponibilidade desses materiais em longo prazo.

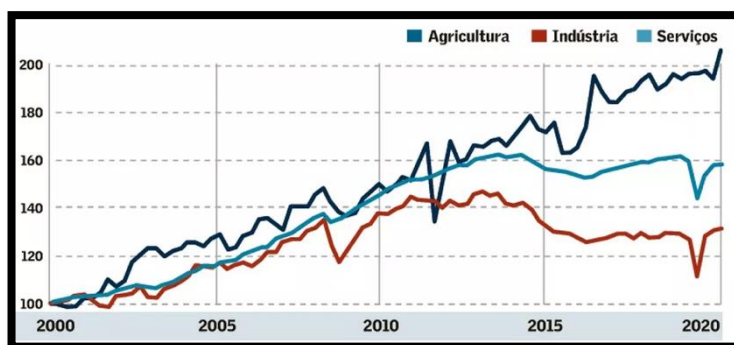


Gráfico do crescimento do valor de produtos agrícolas e industriais e serviços.

O crescimento foi forte no setor, atraindo mão de obra, principalmente não-qualificada, o que ocasionou na elevação de salários e diminuição das taxas de desemprego. A demanda por trabalhadores se expandiu para outros setores, aumentando o número de empregados. As receitas públicas se ampliaram, aumentando o investimento público e estimulando a geração de empregos.

Dessa forma, os ganhos dos países exportadores foram altos, possibilitando o aumento do investimento em políticas públicas e medidas sociais. Além disso, o fato de as camadas mais baixas estarem mais empregadas diminuiu a desigualdade e, com isso, a pobreza e a miséria.

2.3.2. Medidas

Os governos da Onda Rosa, como citado anteriormente, não tiveram uniformidade no espectro político, pois alguns deles eram de uma esquerda mais alinhada a políticas liberais (Brasil, Argentina, Chile) e outros, de uma mais voltada ao socialismo (Venezuela, Bolívia). Porém, quanto às medidas, principalmente sociais, essas gestões foram bem parecidas. Destacam-se, sobretudo, medidas de controle da inflação e crise financeira prévia desses países, crescimento do PIB (sobretudo devido ao boom das commodities), crescimento econômico da classe C e aumento do salário-mínimo.

Além disso, pode ser citado também uma forte política de nacionalização de empresas, como ocorreu na Bolívia e na Venezuela com empresas de gás, petróleo e água. Entre 2000 e 2005, na Bolívia, ocorreram diversas mudanças no cenário social, antes mesmo de Morales se tornar presidente, como as “Guerras da Água”, em 2000, que expulsaram as multinacionais Bechtel (estadunidense) e a filial de Suez, *Aguas del Illimani*. Outra modificação foi no acesso ao gás, em 2003, que, inclusive, foi responsável por alavancar a imagem de Evo como um líder pelas lutas nacionais. Na Venezuela, Hugo Chávez recuperou o controle da Petróleos da Venezuela Sociedade Anônima (PDVSA) e ampliou contratos com multinacionais estrangeiras de origens diferentes, iniciando, assim, uma aproximação com a China.

Esses acontecimentos representaram o início de um processo de mudanças que viria na década, com o objetivo central de desmercantilizar diversos recursos naturais essenciais para a vida e para a economia do país. Além disso, é válido pontuar que essas nacionalizações foram essenciais para aumentar a verba dos governos, que seria aplicada em políticas sociais, na saúde e na educação.

IV. Relações exteriores da América Latina

1. Economia Latino-americana

Principalmente após o fim da Segunda Guerra Mundial, países latino-americanos como Argentina, México e Brasil viviam um período no qual a industrialização era extremamente necessária, visto que os principais abastecedores do mercado - como países da Europa - estavam se reconstruindo após o conflito. Uma das principais características dos processos industriais na América Latina (majoritariamente nos países supracitados) é a intensa participação do Estado nos processos. Ou seja, a intervenção estatal era presente, tanto por meio de grandes investimentos - em sua maioria frutos de financiamentos externos - quanto criando as estruturas necessárias para que o avanço tecnológico fosse possível e proveitoso.

No ano de 2007, a América Latina estava passando por uma fase de prosperidade econômica, uma vez que os produtos agrícolas, pecuários, minerais e energéticos se encontravam no mercado

com um preço favorável aos países da região. Entretanto, a riqueza gerada pelas exportações não veio acompanhada de políticas públicas tão eficazes, já que não existiam projetos para diminuir as desigualdades nem para garantir o acesso de todos a serviços públicos de qualidade.

Os países considerados emergentes na América Latina são Brasil, Argentina e México. O PIB (Produto Interno Bruto) dos 3 países soma cerca de 75% do PIB latino-americano. Além disso, essas 3 regiões se destacam na exportação de manufaturados e na produção industrial. No geral, o setor mais lucrativo da economia latino-americana é a pecuária, seguido pela mineração e pelo extrativismo.

2. América Latina na Divisão Internacional do Trabalho (DIT)

A Divisão Internacional do Trabalho (DIT) é um conceito utilizado para definir os cenários e processos econômicos vivenciados pelos países. As relações econômicas entre diferentes regiões acabam criando certas noções de hierarquia e parcerias que formam as relações socioeconômicas atuais.

América Latina, desde a criação da DIT, é considerada subordinada às economias mais vigentes. Apesar de alguns países possuírem um papel importante dentro da divisão - como Brasil e Bolívia que se destacam na produção agrícola e na exportação de agropecuários (principalmente de açúcar, arroz, laranja, milho e carne bovina) - a região é considerada “periférica”, ou seja, é vista como um local de exploração de recursos pelas potências. Esse cenário pode ser visto desde os períodos coloniais, uma vez que a tendência dos países desenvolvidos sempre foi explorar - seja recursos ou indivíduos - os países subdesenvolvidos.

Após o colapso da URSS, em 1991, a maioria dos governos de esquerda adotou princípios básicos do capitalismo. Essa ação, na visão dos Estados Unidos, significava um enfraquecimento do comunismo e por isso a América Latina não apresentava mais perigo para o país. Porém, com a ascensão de governos de centro-esquerda e esquerda nos países latino-americanos no início do século XXI, iniciou-se um novo período na história das relações econômicas e políticas da região: a Onda Rosa. Com o protagonismo de Hugo Chávez, presidente venezuelano, governantes com ideologias socialistas foram ganhando popularidade. Logo, a DIT ganhava uma nova identidade, visto que os países antes considerados fracos e incapazes de atingir a prosperidade política apresentavam crescente ascensão.

3. EUA e América Latina

As relações - sejam elas econômicas, sociais ou políticas - entre Estados Unidos e os países da América Latina são, desde sempre, marcadas por conflitos. Principalmente após o fim da Segunda Guerra e início da Guerra Fria, os EUA começaram a focar mais na política externa e relações com outros países.

No mesmo período, começaram a surgir em países da América Latina como Brasil, Argentina, Uruguai e México governos de caráter populista, enquanto em outros como Cuba, Nicarágua e Chile foram surgindo governos autodenominados socialistas. Nesse contexto, e com o crescente medo de governos de esquerda por parte do poder estadunidense, o país começou a financiar ditaduras de direita e investir em forças militares nesses países. Dessa forma, destaca-se o período que ficou conhecido como “Doutrina Reagan”, uma lógica política criada pelo presidente dos EUA de 1980, Ronald Reagan, na qual os EUA criaram movimentos que lutavam contra governos soviéticos e

comunistas na Ásia, África e América Latina. Ou seja, os países latino-americanos que seguiam regimes socialistas eram fortemente perseguidos e reprimidos pelo governo norte-americano, enquanto as nações que não se enquadraram nesses critérios eram menosprezadas pelos Estados Unidos (porém, o país nunca deixou de vigiar as ações dos governos latino-americanos). Para Reagan, o maior temor em relação à América Latina era o chamado "efeito dominó" que, a partir das mudanças em Nicarágua e Granada e a falta de estabilidade em El Salvador e Guatemala, poderia favorecer uma espécie de revolução capaz de influenciar fortemente o México e entrar no próprio Estados Unidos, pelas comunidades negras e hispânicas.

No contexto do comitê, o atual presidente dos EUA (2007) George Bush possui como principal alvo na América Latina Hugo Chávez, presidente da Venezuela, devido ao crescimento de sua popularidade e ao relacionamento do país com Cuba e Irã. Por outro lado, Bush busca no Brasil parcerias em relação ao comércio e à energia, além da vontade de nomear o país como o interlocutor político e regional dos EUA. Outros países possuem uma importância secundária para os Estados Unidos, como México e Colômbia nas questões de fronteira e imigração.

4. MERCOSUL

O Mercado Comum do Sul, conhecido como Mercosul, é um bloco integrado por países da América Latina. Foi criado oficialmente em 1991 com o objetivo de promover políticas sociais em comum, por meio da adoção de uma Tarifa Externa Comum (TEC), e da livre associação de mercadorias de suas nações associadas. Seus países participantes estão distinguidos em 3 grupos:

- **Países-membros:** são os países que fundaram o Mercosul ou aqueles que ingressaram após a criação do bloco. São eles: Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai e Venezuela (suspensa desde 2016).
- **Países associados:** países que assinaram tratados de livre comércio com o Mercosul a fim de estimular suas economias e trocas comerciais, mas não possuem as mesmas vantagens que os membros, como a TEC. Nesse grupo, enquadram-se Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Peru e Suriname.
- **Países observadores:** países que apenas observam as reuniões, participam de eventos para ver o andamento das negociações, mas não possuem direito a veto ou de opinar em alguma cláusula. México e Nova Zelândia são esses países.

5. ALBA vs ALCA

Existem, atualmente, inúmeros e acalorados debates no que diz respeito à integração econômica das Américas, dentre os quais dois se destacam pela polêmica que levantam e pelo contexto em que se inserem: sobre a Alca (Área de Livre Comércio das Américas) e sobre a Alba (Aliança Bolivariana para os Povos da Nossa América).

A Área de Livre Comércio das Américas (Alca), era uma proposta criada pelo governo estadunidense que visava a integração comercial do continente; esse grande bloco econômico seria integrado por 34 nações; a única exceção seria Cuba, visto que esse país apresenta divergências ideológicas com os Estados Unidos. Nesse sentido, a maioria dos países da América Latina

interpretam a criação da Alca como uma manobra dos Estados Unidos para a expansão de suas empresas transnacionais pelo continente.

A Aliança Bolivariana para os Povos da Nossa América (*Alianza Bolivariana para los Pueblos de Nuestra América*) é um projeto de ajuda mútua entre os países situados na América Latina e Caribe em questões sociais e políticas com ideais mais esquerdistas que se diferem das ideias neoliberais defendidas pelos EUA com a ALCA, que visa uma integração apenas econômica.

6. UNASUL

A UNASUL surgiu oficialmente em 2008, embora sua criação tenha sido discutida desde 2004, com o intuito de construir, de maneira participativa e consensual, um espaço de articulação no âmbito cultural, social, econômico e político entre os países da América do Sul, bem como o fortalecimento e proteção da democracia. Hoje ela é composta por doze Estados-Membros – Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela –, além da participação, como observadores, de dois países da América Latina: México e Panamá.

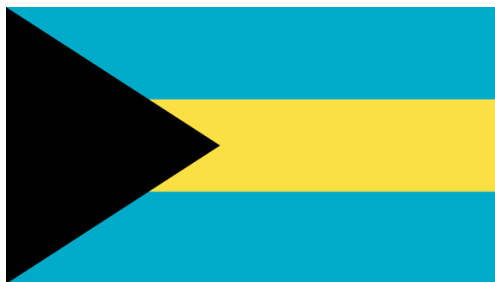
A UNASUL é estruturada da seguinte forma:

- Conselho de Chefes de Estado e de Governo.
- Conselho de Ministros das Relações Exteriores.
- Conselho de Delegados.
- Secretaria Geral.

Além desses departamentos, foram desenvolvidos outros sete Conselhos Ministeriais, que atuam nas áreas de energia, saúde, defesa, desenvolvimento social, combate ao narcotráfico, infraestrutura e planejamento, educação, cultura, ciência, tecnologia e inovação. A presidência do bloco é exercida por representantes de governo, com duração de um ano, sendo alternada seguindo a ordem alfabética das nações integrantes.

O estabelecimento da UNASUL é de grande importância para a integração de seus países, pois, através da implantação de uma zona de livre comércio, haverá maior flexibilidade nas relações comerciais, circulação de pessoas e mercadorias.

V. Representações



1. Comunidade das Bahamas

A comunidade das Bahamas é membro oficial da Organização dos Estados Americanos. No ano em que se passa o comitê (2007), a nação é governada pelo primeiro-ministro Perry Gladstone Christie pertencente ao Partido Liberal Progressivo em seu último ano de 1 mandato (2002-2007).

O político possuía ideologias e práticas mais voltadas para a esquerda e mantinha boas relações com outros países americanos, embora não esteja incluído na Onda Rosa.



2. República de Cuba

É um país insular localizado no Mar do Caribe, América Central e Caribe (subcontinente americano). Inclui a ilha de Cuba, bem como a Ilha da Juventude e vários arquipélagos menores. O segundo país mais populoso do Caribe, depois do Haiti, com mais de 11 milhões de habitantes. O território da atual Cuba foi habitado pelos povos Ciboneis Taínos desde o 4º milênio a.C. até a colonização espanhola no século 15. A partir do século 15, foi uma colônia espanhola. Espanha até a Guerra Hispano-Americana de 1898, quando Cuba foi ocupada pelos Estados Unidos e alcançou a independência nominal como um protetorado de facto dos Estados Unidos em 1902. Cuba tentou consolidar seu sistema democrático, mas a crescente radicalização política e o conflito social levaram a um golpe e a ditadura apoiada pelos Estados Unidos do conflito de Fulgêncio Batista em 1952. A corrupção pública e a opressão sob Batista levaram à sua deposição em janeiro de 1959 em 26 de julho. O movimento, que mais tarde estabeleceu uma ditadura do proletariado sob a liderança do Partido Comunista de Cuba, com Fidel Castro como um dos fundadores, eleito primeiro secretário do comitê central de 1965 a 2011.

Em 21 de outubro de 2007, foram realizadas eleições gerais em Cuba, com a participação de mais de 8 milhões de eleitores, para eleger os delegados do "Bloco dos Poderes Populares" na ilha. Segundo a Ministra da Justiça, María Esther Reus, cerca de 8,3 milhões de pessoas têm direito a voto. Por ocasião das eleições legislativas, Fidel Castro pediu mais uma vez ao presidente George W. Bush que levantasse o embargo comercial contra Cuba. O governo dos Estados Unidos, a União Europeia e os oponentes do regime de Castro em Cuba estão chamando as eleições cubanas de um "exercício cosmético de democracia", excluindo as objeções do país e sendo monitorado de perto, inteiramente pelo Partido Comunista de Cuba. E ativistas cubanos classificaram a eleição como ilegal e inconstitucional. Fidel Castro renunciou ao cargo de presidente em 19 de fevereiro de 2008.

A década de 1990 também proporciona uma aproximação relevante entre Cuba e China, fator conhecido principalmente após a dissolução da União Soviética, que adquiria 60% do açúcar e fornecia petróleo e outras commodities. Nos anos seguintes, o país também se aproximou da Venezuela e da Bolívia, sob os governos de Hugo Chávez e Evo Morales, o que, além de flexibilizar a economia, permitiu, na estrutura socialista, a abertura às atividades capitalistas, como turismo. A

década seguinte, 2003, viu a Primavera Negra, quando um grande número de dissidentes cubanos foi preso em nome do governo, acusados de atuarem como agentes dos Estados Unidos. Os dissidentes foram posteriormente libertados, alguns vivendo no exílio na Espanha.



3. República Argentina

A Argentina, em 2007, era governada por Cristina Kirchner. O governo era de ideologia centro-esquerda, além de aliado ao progressismo e seguidor da filosofia do Kirchnerismo. Neste ano, a preocupação com a garantia dos direitos humanos e a oposição ao neoliberalismo e aos acordos de livre mercado era crescente. Além disso, Cristina apoiava fortemente o Mercosul, além de manter uma relação instável com George Bush, presidente dos EUA. Durante os anos de governo dos Kirchner (ambos os dela e de seu marido, que veio anteriormente) a Igreja Católica e outros setores mais conservadores da sociedade eram a principal oposição.

Representando a segunda maior economia da América Latina, a Argentina se destaca na produção de trigo, milho, soja e cevada. Apesar de ser uma região com uma crescente ascensão econômica, a Argentina é considerada um país emergente e, dentro da Divisão Internacional do Trabalho, não é favorecida. Isso acontece, pois países em desenvolvimento adquirem tecnologias a preços elevados, mas não conseguem vender seus produtos a preços satisfatórios, o que dificulta a obtenção de lucro.

No contexto vigente da OEA, a Argentina possui um papel fundamental na defesa dos governos de esquerda e da Onda Rosa, visto que sua governante busca garantir a prosperidade e a integração da América Latina.



4. Estado Plurinacional Boliviano

Em 2007, a Bolívia era governada por Evo Morales, que cumpria seu segundo mandato consecutivo no país. O presidente era parte do partido Movimento ao Socialismo - Instrumento Político para a Soberania dos Povos (MAS-IPSP), que seguia a ideologia marxista, além do socialismo e do anticapitalismo. É considerado um partido de esquerda ou extrema esquerda, que defende principalmente a igualdade social, a nacionalização dos recursos energéticos, a liberdade e o respeito à natureza. Além disso, o partido luta pela integração da Bolívia no mundo contemporâneo em condições iguais às outras nações, uma vez que a sociedade boliviana não possui indústrias que habilitem o país a competir no mercado internacional.

Apesar de possuir uma grande reserva de produtos minerais, como estanho, cobre e zinco, a Bolívia é um dos países mais pobres da América Latina. O setor industrial é pouco diversificado, o que dificulta a integração do país no mercado internacional. Uma vez que a economia do país é

limitada, Morales possui enorme receio em deixar os recursos naturais bolivianos nas mãos de multinacionais, o que dificulta ainda mais as relações internacionais.

Em relação à política externa, Evo defende que os estadunidenses devem apresentar o visto para entrar na Bolívia, da mesma forma que acontece com bolivianos que querem entrar nos EUA. Morales afirma que essa ação não é um ato de vingança, porém é possível perceber que a relação da Bolívia com os EUA não é amigável. No contexto da OEA, a Bolívia é defensora da Onda Rosa e dos governos socialistas.



5. República da Costa Rica



Em 2007, a Costa Rica era governada por Óscar Arias, presidente que, em 1987, recebeu o Nobel da Paz por ter proposto um acordo de paz para a América Central. Além disso, é membro de um clube sem fins lucrativos que trabalha para fortalecer instituições democráticas. O partido de Arias era o Partido da Libertação

Nacional, que, apesar de já ter tido caráter nacionalista - com a estatização de bancos, por exemplo - , atualmente segue uma política mais de direita, com programas neoliberais.

O setor industrial do país se destaca no mercado internacional, visto que investidores de outros países estão sendo atraídos para a Costa Rica e garantindo incentivos fiscais nessa área. Além disso, o país é conhecido por suas políticas ambientais e práticas sustentáveis.



6. República da Nicarágua



No ano de 2007, Nicarágua era governado por Daniel Ortega. O homem já completou um mandato (1979-1990) e atualmente iniciou seu segundo mandato, representando a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN). Seu primeiro mandato foi marcado por políticas de reforma agrária, além da distribuição de riquezas - menos quando

relacionada aos grupos de oposição, que eram financiados pelos Estados Unidos. A FSLN, caracterizada como um partido de esquerda que anteriormente era ligado a extrema esquerda, defende principalmente o socialismo, o nacionalismo de esquerda, o anti-imperialismo e a integração latino-americana.

A economia da Nicarágua é baseada na agricultura. Os principais produtos voltados para a exploração são o café e o algodão. Porém, o país é o segundo mais pobre da América Central, ficando atrás apenas do Haiti. Além disso, o governo de Ortega é acusado de estar se tornando mais tirano e autoritário. As relações do país com os EUA são conturbadas, visto que tropas americanas já tomaram a Nicarágua no passado. Essa intervenção militar ocorreu pois os Estados Unidos, na época, queriam controle do Canal da Nicarágua, que seria responsável por conectar a Nicarágua com outras nações, o que poderia favorecer o desenvolvimento econômico da região.



7. Canadá

O Canadá, em 2007, possuía como Primeiro-Ministro Stephen Harper, do Partido Conservador. Durante seu governo, o Canadá passou por um momento de grande instabilidade econômica, levando Harper a aumentar os impostos e cortar gastos. Nesse mesmo ano, o ministro visitou Colômbia, Chile, Barbados e Haiti, buscando aumentar a visibilidade do Canadá na região.

Harper buscou, durante todo o seu governo, manter relações políticas e econômicas com os Estados Unidos, além de estreitar os negócios com a Europa e criar laços favoráveis com a China. Ainda em relação à política externa, o Partido Conservador canadense defende a redução da ajuda financeira que o Canadá oferece aos países mais pobres.

No contexto do comitê, o Canadá não só apoia os governos mais conservadores e liberais (em outras palavras, governos de direita e extrema-direita) como defende fortemente os Estados Unidos, principalmente quando referente à economia e relações externas.



8. República de El Salvador

No ano de 2007, El Salvador era governado por Antonio Saca, pertencente à Alianza Republicana Nacional, um partido conservador de direita. Saca defendia, principalmente, o nacionalismo, o neoliberalismo e o anticomunismo. Nessa época, o país era bem próximo dos Estados Unidos e muito de sua economia dependia da relação com o supracitado.

A economia de El Salvador sustenta-se basicamente pela agricultura, mais especificamente o plantio de café, milho, açúcar e feijão. Como dito anteriormente, o país possui uma relação político-econômica muito próxima com os Estados Unidos: em 2001, por exemplo, a moeda oficial do país deixou de ser o cólon e passou a ser o dólar americano. El Salvador é um país extremamente pobre, com a maioria da população vivendo abaixo da linha da pobreza.



9. República do Panamá

Em 2007, o Panamá era governado por Martín Torrijos. Ele pertencia a um partido de centro-esquerda chamado de Partido Revolucionário Democrático, com caráter populista.

Em relação à política externa, o Panamá possui relações complexas com os Estados Unidos. Em 1977, os dois países assinaram o Tratado Torrijos-Carter, o qual garantia ao Panamá o controle do canal do Panamá, que antes era controlado pelos EUA. Em outras palavras, o governo panamense possui fortes políticas contrárias aos Estados Unidos. Ainda em

relação ao canal do Panamá, este representa grande parte da economia do país, uma vez que o setor de serviços representa grande parte do PIB panamense.

Apesar de não ser destaque na Onda Rosa, o Panamá atua como um país contra os Estados Unidos e voltado a políticas de esquerda. O canal do Panamá é um ponto forte da América Latina e possui um papel forte na integração dos países latino-americanos no comércio internacional. Por não se tratar de um país dito comunista, não atrai tanto potências como a Rússia, apesar de suas relações não-amigáveis com os Estados Unidos.



10. Estados Unidos da América

Estados Unidos é uma república constitucional federal composta por 50 estados e um distrito federal. É também o polo central do capitalismo mundial e, por conta disso, o país possui muitas políticas liberais, pouca intervenção do estado e pouquíssimos direitos trabalhistas. De longa data, é notória a presença dos Estados Unidos na América Latina como um dos principais importadores de matéria-prima da região, estabelecendo, assim, uma certa dependência entre eles.

Há algumas hipóteses para o aparente declínio da hegemonia norte-americana nos anos 2000. Primeiro, com a guerra ao terrorismo, principalmente após o 11 de setembro, as atenções dos EUA se voltaram para o Oriente Médio, e em processo de perda de interesse pela América Latina, como destacou Peter Hakim, Presidente Honorário do Diálogo do Américas. A segunda hipótese refere-se à política externa de restauração da ideia de autonomia, que se materializa na construção de instituições regionais, que Pia Riggirozzi e Diana Tussie interpretaram como parte do regionalismo pós-hegemônico. Por fim, como enfatiza a terceira hipótese, a presença da Rússia e da China na região cria novas oportunidades para os governos sul-americanos.

A enorme perturbação causada pelo incidente de 11 de setembro nos Estados Unidos foi uma ótima oportunidade para a América Latina se livrar dele. Os EUA descobriram um novo inimigo pós-Guerra Fria no terrorismo islâmico, mas no final perseguiram um fantasma. Vinte anos depois, o país precisa de um grande acordo continental para que a América Latina deixe de ser uma “marionete” da China.

O papel dos Estados Unidos da América no comitê está centrado em defender os movimentos da direita republicana.



11. República do Haiti

O Haiti é um país caribenho. Ocupa uma pequena parte ocidental da ilha de Hispaniola, nas Grandes Antilhas, que compartilha com a República Dominicana. A posição histórica e etnográfica do Haiti é única por uma série de razões. Quando conquistou a independência em 180, tornou-se o primeiro país independente da América Latina e do

Caribe, o único país do mundo fundado após uma revolta de escravos bem-sucedida e uma grande república, a segunda nos Estados Unidos. A revolução haitiana, liderada por escravos e negros livres, durou quase uma década; Todos os primeiros chefes de governo eram escravos. O país é um dos únicos dois estados independentes dos Estados Unidos continentais (junto com o Canadá) a designar o francês como língua oficial, as outras regiões de língua francesa do continente são agências ou comunidades de pessoas.

Durante 1994 -2000, apesar dos avanços como as eleições democráticas de dois presidentes, o Haiti continuou em crise. Devido à situação instável, reformas políticas radicais não foram possíveis. As eleições legislativas e presidenciais de 2000 foram marcadas por suspeitas de manipulação por Aristide e seu partido. O diálogo entre a oposição e o governo foi dificultado. Em 2003, a oposição começou a exigir a renúncia de Aristide. A Comunidade do Caribe, Canadá, União Europeia, França, a Organização dos Estados Unidos da América e os Estados Unidos atuaram como mediadores. No entanto, a oposição rejeitou as propostas de reconciliação, agravando a crise.

Uma convulsão social que levou à queda do então presidente Jean Bertrand Aristide e ao início de uma guerra civil levou o Conselho de Segurança das Nações Unidas a estabelecer a MINUSTAH. Os soldados começaram a chegar ao Haiti em junho de 2004. Inicialmente, o objetivo era promover a reconstrução e levar ajuda humanitária ao país mais pobre da América, onde quase 60% da população vive na pobreza, segundo dados do CIA World Factbook. Os militares também trabalham para restaurar a segurança no país e proteger os direitos humanos. De 2004 a 2007, sua presença foi constante nas favelas mais violentas do país: Bel Air, Cité Militaire e Cité Soleil. O objetivo é expulsar a gangue local. Além das patrulhas, os militares brasileiros ajudaram a fornecer atendimento médico e odontológico, distribuir alimentos e roupas e manter escolas.



12. República Oriental do Uruguai

Uruguai é o segundo menor país da América do Sul, com suas únicas fronteiras sendo o Brasil e a Argentina. O seu nome “República Oriental” faz referência à localização do Rio Uruguai no leste. Em 2007, o país estava no segundo ano do primeiro mandato de Tabaré Vázquez, do Partido Socialista. Dessa forma, vale destacar que o país fazia parte da Onda Rosa. Vázquez também fez parte de uma coalizão política da esquerda uruguaia chamada “*Frente Amplio*”, ou Frente Ampla, cuja ideologia era a social-democracia, o progressismo e o desenvolvimentismo. A coalizão, liderada por Vázquez, pôs fim a décadas da hegemonia bipartidária de Blancos e Colorados, grupos de centro-direita.

No governo de Tabaré, houve um grande apoio e suporte do governo de Luís Inácio Lula da Silva (Brasil). Além disso, houve uma tensão forte entre o país e a Argentina em relação à construção de fábricas de celulose em território uruguaio e sobre as águas binacionais do rio Uruguai, que seria contaminado, perto das populações uruguaia de Fray Bentos e argentina de Gualaguaychú. Vázquez, inclusive, pediu ajuda ao então presidente estado-unidense George W. Bush para ajudar o Uruguai na ocasião de um possível conflito armado com a Argentina. Apesar da boa relação com os EUA, Tabaré não assinou o Acordo de Livre Comércio das Américas (ALCA – tópico III, subtópico 5).



13. República do Paraguai

A República do Paraguai é membro oficial da Organização dos Estados Americanos (OEA) desde a sua criação, em 1948. No ano em que se passa o comitê (2007) o país é governado por Nicanor Duarte, um presidente pertencente ao partido conservador colorado, logo ele não se enquadra na “Onda Rosa” (período entre a década de 90 e o início dos anos 2000 em que ocorreu uma ascensão de partidos voltados para a esquerda em muitos países sul-americanos); embora o seu mandato tenha adotado uma política mais esquerdista em alguns aspectos.

Apesar de ser integrante de um partido conservador, Duarte tem realizado uma política mais esquerdista, contrastando com seus governos predecessores. Entre estas medidas destacam seu rechaço ao neoliberalismo em sua política econômica, sua oposição ao ALCA (tópico III, subtópico 5 do guia), a busca de cooperação de governos latino-americanos como o do presidente venezuelano Hugo Chávez (venda de petróleo a preços preferenciais), além de manter boas relações com os governos do Brasil de Luiz Inácio Lula da Silva e da Argentina de Cristina Kirchner, assim como o reforço do Mercosul (tópico III, subtópico 4).

Apesar disso, Duarte Frutos foi duramente criticado por vários governos latino-americanos por ter permitido o ingresso de tropas americanas no território paraguaio para efetuar exercícios conjuntos com o Exército deste país e permitir construir uma base militar na zona da Tríplice Fronteira, supostamente para combater o narcotráfico e o terrorismo islamista, embora alguns setores considerem que o verdadeiro motivo da presença militar americana é para apoderar-se do Aquífero Guaraní.



14. República do Chile

A República do Chile é membro oficial da Organização dos Estados Americanos (OEA) desde sua fundação, em 1948. No ano em que se passa o comitê (2007) o país é governado por Michelle Bachelet, uma presidente pertencente ao partido socialista (embora durante a redemocratização, o partido tenha passado por alterações em seus princípios que o aproximaram da ideologia social democrata) e de centro-esquerda; o que faz o seu governo ser incluído na “Onda Rosa”, período entre a década de 90 e o início dos anos 2000 em que ocorreu uma ascensão de partidos voltados para a esquerda em muitos países sul americanos.

A abertura econômica de Bachelet se concretizou com as inúmeras alianças e tratados econômicos com os mais diversos países do mundo, tais como os Estados Unidos, União Europeia, Canadá, Mercosul, dentre outros. Seu PIB per capita era de 10.502,35 USD.

O ano posterior ao que se passa o comitê acarretou diversos problemas e numerosas críticas ao mandato; o que fez com que sua aprovação popular fosse apenas de 35% em 2007. Os principais acontecimentos que ocasionaram essa situação foram: a paralisação estudantil realizada por cerca de 80% dos estudantes secundários chilenos devido a exigências não cumpridas (a alteração na educação

do país, tais como a gratuidade no transporte escolar, a implementação de uma prova de seleção universitária e reformas na grade curricular), o desmoronamento de casas na região de Bío-Bío devido a fortes temporais, deixando milhares de prejudicados e terrenos completamente inundados e uma medida de distribuição gratuita da pílula do dia seguinte na rede pública de saúde para qualquer mulher acima dos 14 anos de idade, que foi extremamente criticada por conservadores e pela igreja católica. Entretanto, futuramente, o apoio popular retornará, fazendo com que a presidente termine seu mandato em 2010, com 81% de aprovação.



15. República Federativa do Brasil

O Brasil é o quinto maior país em extensão territorial do mundo e o maior da América Latina. Além disso, o país conta com uma população de aproximadamente 190 milhões de pessoas (2007), o que traz uma enorme diversidade étnico-cultural. No ano de 2007, o país estava entrando no segundo mandato de Luís Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), um partido de centro-esquerda, sendo,

assim, parte da Onda Rosa.

O grande motivo de sua reeleição, em 2006, deve-se ao fato de Lula ter promovido a maior média de crescimento do PIB em duas décadas (em torno de 4,1%), sendo que o crescimento total ficou em torno de 32,62%. Esse crescimento foi alavancado pela alta das commodities (tópico II, subtópico 2.3.1.), a demanda doméstica, redução de taxas internacionais de juros e controle da inflação, que estava em 12,53% em 2003 e passou para 5,90% em 2011. Apesar do crescimento, a produtividade não aumentou.

Uma das grandes polêmicas do governo Lula foi o chamado “Escândalo do Mensalão”, ocorrido em 2005, que teria sido um esquema de corrupção envolvendo o partido de Lula, o PT, responsável por pagar a vários deputados 30 mil reais mensalmente (por isso o nome “Mensalão”) para eles votarem a favor de projetos propostos pelo Poder Executivo na Câmara dos Deputados. Esses fundos supostamente teriam vindo de orçamentos de publicidade de empresas estatais. No ano que se passa o comitê (2007), o Supremo Tribunal Federal (STF) acatou a denúncia da Procuradoria Geral da República e abriu processo contra quarenta envolvidos no escândalo (os “mensaleiros”). Dessa forma, o país encontra-se em grande instabilidade e insegurança política.



16. República Bolivariana da Venezuela

Venezuela é um país da América do Sul, conhecido amplamente por suas vastas reservas de petróleo e recursos naturais. Historicamente, Venezuela foi uma das primeiras colônias da América Espanhola a declarar independência, que foi proclamada em 1811, mas apenas consolidada em 1830. Desde a segunda metade do século XX, a Venezuela vivenciou uma série de governos eleitos pelo povo, que, no entanto, não eram completamente democráticos, visto que em alguns deles houve censura e

perseguição política. Porém, na década de 1990, o país sofreu duas tentativas de tomada de poder, além do impeachment do então presidente Carlos Andrés Pérez, por desvio de dinheiro.

O contexto político foi favorável para que Hugo Chávez ganhasse força, sendo eleito em 1998, instalando um governo de esquerda. Logo em 1999, em seu primeiro ano de mandato, Chávez aprovou uma nova constituição, o que ficou conhecido como “Revolução Bolivariana”.

Hugo Chávez instalou o primeiro governo de esquerda nesse contexto, sendo ele considerado o líder e iniciador da Onda Rosa. Dessa forma, é válido destacar que seu governo foi responsável por uma série de políticas públicas, principalmente as de acesso à educação e à saúde pela população mais pobre do país. Por um lado, Chávez ganhou muita popularidade pela parte da população mais vulnerável, mas, por outro, acentuou sua oposição política, composta pela elite econômica, responsável por um Golpe de Estado em 2002, que destituiu Hugo do poder em 11 de abril, mas que rapidamente foi detida pelas forças chavistas três dias depois.

Em 2006, Chávez venceu mais uma eleição, reafirmando sua força política. Com essa vitória, o presidente reforçou o posicionamento de ampliar as transformações sociais no país, em rumo a um “socialismo do século XXI”, como dito por ele.

Venezuela foi um dos países que foram fortemente impactados pelo boom das commodities (tópico II, subtópico 2.3.1.), devido às diversas reservas petrolíferas. Não só, mas foi registrado também um crescimento de 8,4% no PIB do país em 2007, impulsionado, principalmente, pelo aumento na dinamização da atividade econômica, fundamentalmente determinado pela atividade não-petrolífera.



17. República de Honduras

Honduras é um país da América Central que é o lar de várias culturas indígenas importantes, principalmente os maias. Cristóvão Colombo foi o primeiro europeu a visitar as Islas de la Bahía, na costa do país, desembarcando perto da atual cidade de Trujillo. Grande parte do país foi conquistado e colonizado pela Espanha no século 16, que introduziu sua linguagem hoje comum e muitos de seus costumes. Foi organizada como uma província do Reino da Guatemala e teve três capitais: Trujillo, Comayagua e Tegucigalpa desde 1880 que ainda existem hoje. Tornou-se independente em 15 de setembro de 1821 e é uma república desde o fim do domínio espanhol.

Grande parte da população vive isolada nas montanhas, o que ajuda a explicar a política insular do país em relação aos assuntos latino-americanos e centro-americanos. Honduras, como seus vizinhos na região, é um país em desenvolvimento onde seu povo enfrenta muitos desafios econômicos e sociais, complicados por seu terreno acidentado e padrões climáticos violentos climas tropicais, incluindo a devastação causada pelo furacão Mitch em 1998.

É o segundo país mais pobre da América Central e um dos mais pobres do Ocidente, e sofre de uma distribuição de renda muito pobre, bem como de uma alta taxa de subemprego. A agricultura é uma parte importante da economia, empregando quase dois terços da força de trabalho. Os principais produtos da pauta de exportação são: café, banana e camarão. O país é fortemente dependente da economia dos Estados Unidos, de onde provêm 70% de suas exportações e de onde

provêm mais de 50% de suas importações. O presidente do país durante 27 de janeiro de 2006 a 28 de junho de 2009 José Manuel Zelaya Rosales.

O papel de Honduras no comitê está centrado em defender os movimentos de direita.



18. Jamaica

A Jamaica é um país insular localizado no Mar do Caribe, incluindo a terceira maior ilha das Grandes Antilhas. A Jamaica é a quinta maior nação insular do Caribe (Caribe). O povo aborígine Taino da ilha a chamava de Xaymaca em Arawak, que é a "terra da madeira e da água" ou "terra das fontes". Em 1655, depois que a Espanha tomou posse de Santiago, a ilha foi governada pelos britânicos e foi batizada de "Jamaica". O país tornou-se totalmente independente da Grã-Bretanha apenas em 6 de agosto de 1962. A Jamaica é um país com uma população estimada em 2,7 milhões em 2007. De acordo com dados de 2001, os jamaicanos vivem principalmente na capital Kingston, com 651.880 residentes. Também vale a pena observar as cidades de Spain Town (131.515), Portmore (175.000) e Montego Bay (120.000). De acordo com o "World Fact Sheet", a composição racial da população jamaicana é a seguinte: 92,1% negra, 6,1% mista, 0,8% indiana, 0,4% outras pessoas e 0,7% incerta.

A Jamaica é uma economia mista com empresas estatais e privadas. Os principais setores da economia jamaicana incluem agricultura, mineração, manufatura, turismo e serviços financeiros e de seguros. O turismo e a mineração são as principais fontes de receita em moeda estrangeira. Metade da economia da Jamaica depende de serviços e metade de sua receita vem de serviços como o turismo. Desde 1991, o governo implementou programas de liberalização e estabilização econômica removendo controles de câmbio estrangeiro, taxas de câmbio flutuantes, corte de tarifas, estabilização da moeda jamaicana, redução da inflação e remoção de restrições ao investimento estrangeiro. O número de turistas visitantes aumentou no terceiro trimestre de 1998. Em 1998, as receitas do turismo aumentaram 8,5% em relação ao mesmo período de 1997.

A Jamaica é uma democracia parlamentar e uma monarquia constitucional. A Rainha Elizabeth II atua como monarca e chefe de estado jamaicana. No entanto, como Elizabeth II é chefe de estado de 15 outros países e reside principalmente no Reino Unido, ela é representada pelo governador da Jamaica, cujas funções são aprovar leis e outras funções nacionais. Em grande medida, o monarca (por meio de seu representante, o governador) é uma figura cerimonial, e os poucos poderes reais que possui são reservados para certas situações de crise constitucional. O atual primeiro-ministro é Portia Simpson-Miller, a primeira mulher a assumir a chefia do governo, com o início do seu mandato em janeiro de 2006.

O papel da Jamaica no comitê está entrado em defender os movimentos de esquerda



19. República Cooperativa da Guiana

A Guiana é um país da parte norte da América do Sul e o terceiro menor país soberano do continente da América do Sul, depois do Uruguai e do Suriname. O país é o menos populoso do subcontinente, perdendo apenas para o Suriname. Habitado originalmente por muitos grupos indígenas, foi colonizado pelos holandeses antes de ser transferido para o controle britânico no final do século XVIII. Com o governo da Guiana Britânica, ela foi dominada pela economia de plantation até a década de 1950, conquistou a independência em 1966 e tornou-se formalmente a República da Comunidade em 1970. O legado do domínio britânico se reflete na gestão política e na sociedade do país. Isso inclui índios, africanos, índios americanos e grupos multiétnicos.

De acordo com o censo de 2002, o maior grupo étnico são os indianos da Guiana, que são descendentes de trabalhadores contratados indianos, representando 43,5% da população. Seguidos pelos afro-guianenses, são descendentes de escravos africanos, representando 30 pessoas, 2%. Guianenses com herança mista representaram 16,7%, enquanto os povos indígenas (chamados localmente de índios americanos) representaram 9,1%.

Devido ao desenvolvimento da agricultura e mineração, a melhoria do ambiente de negócios, ajustes de taxas de câmbio, inflação baixa e o apoio de organizações internacionais, a economia da Guiana experimentou um crescimento moderado no início dos anos 2000. O problema de longo prazo é a falta de mão de obra qualificada e infraestrutura subdesenvolvida. O país tem uma grande dívida externa. Toda eletricidade vem de combustíveis fósseis que devem ser importados do exterior, pois os recursos próprios do país estão localizados em conflitos de fronteira com o Suriname e os países da Venezuela. Bharrat Jagdeo foi reeleito para outro mandato de cinco anos em 28 de agosto de 2006.

O papel da Guiana no comitê está centrado em defender os movimentos de esquerda.



20. República de Guatemala

Em 2007, a Guatemala era governada por Óscar Berger, pertencente ao partido Gran Alianza Nacional, considerado de ideologia centro-direitista. Berger defendia o chamado “Estado de Direito”. Em síntese, isso significa que seu governo era baseado na proteção dos direitos à propriedade e no destaque do papel da Constituição (limitar e reger o poder estatal).

A economia da Guatemala é baseada na agricultura, principalmente na exportação de açúcar, banana e café. Porém, grande parte das atividades econômicas do país são controladas pelo setor privado. Em 2006, entrou em vigor o Acordo de Livre Comércio da América Central, o que fortaleceu as relações entre o país e os Estados Unidos. Além disso, o país abastece os mercados de alimentos processados nos EUA e em outros países vizinhos.

Apesar de ter uma relação relativamente próxima com os EUA (o acordo supracitado aumentou a relação econômica e reduziu tarifas alfandegárias), a Guatemala é um país com

desigualdade e pobreza preocupantes: 12% da população vive abaixo da linha da pobreza, e 16% é subnutrida.



21. República do Equador

Em 2007, o Equador era governado por Rafael Correa, membro do partido Alianza País. Esse é um partido de ideologia centro-esquerdista e esquerdista, considerado populista e com aspectos do Bolivarianismo. Uma das principais características do partido é o fato de que esse trabalha pela integração da América Latina e inserção do Equador no chamado “mundo socialista”.

A economia do Equador é baseada na exportação de, principalmente, petróleo, banana e ouro. Em meados dos anos 90, devido a desastres naturais e queda no preço do barril de petróleo, o país sofreu um colapso econômico. Ao longo dos anos seguintes, o Equador foi se recuperando da crise, mas foi principalmente no governo de Correa que a prosperidade passou a ser de fato vista. Os índices de pobreza diminuíram mais de 14% e o PIB crescia em 1,5% (um crescimento grande tendo em vista os números de décadas anteriores).

O Equador é um participante da Onda Rosa e Rafael Correa é uma referência na luta dos governos de esquerda na América Latina, por ter conseguido levar seu país a um nível de vida favorável e próspero. O país, porém, mantém relações não-amigáveis com os Estados Unidos: neste ano de 2007, Correa não renovou o contrato que permitia os EUA a usar a base da força aérea equatoriana para controlar o narcotráfico. Ou seja, o país tornou-se um “alvo negativo” para os EUA dentro da América Latina.



22. República do Peru

Em 2007, o Peru era governado por Alan García. Antes de sua eleição como presidente, o político integrava o partido Aliança Popular Revolucionária Americana. Esse partido era de centro-esquerda e socialista, tornando o Peru parte da Internacional Socialista (organização internacional que busca a divulgação do socialismo democrático). Além disso, defendia o progressismo e a integração da América Latina.

Porém, quando assumiu a presidência em 2006, os posicionamentos políticos de Garcia mudaram drasticamente. Ele se distanciou de políticas sociais-democratas e nomeou diversas pessoas pertencentes à direita conservadora para os cargos políticos. Além disso, era fortemente contra movimentos sociais, povos indígenas e ambientalistas, além de considerar a esquerda um “mecanismo” de atraso para o país.

Alan assinou, em 2007, um acordo de livre-comércio com os EUA. Além disso, decretou a privatização de recursos minerais e energéticos, a liberação de áreas da Floresta Amazônica para desmatamento (com o objetivo de atrair capital privado) e a expulsão de homossexuais da política.

Devido a seus posicionamentos, Alan tornou o Peru uma “base americana”, o que gerou relações tensas entre o país e outras nações latino-americanas, como Venezuela e Bolívia.



23. República da Colômbia

A República da Colômbia é membro oficial da Organização dos Estados Americanos (OEA) desde sua fundação, em 1948. No ano em que se passa o comitê (2007), o país é governado por Álvaro Uribe Vélez que estava em seu segundo mandato e possuía uma política conservadora, logo não fazia parte da “Onda Rosa”. O presidente, pertencente ao partido “Primero Colombia”, havia sido reeleito em 2006 com 62% de aprovação dos votos.

Primeiramente, é válido ressaltar, que o país sofre com conflitos armados gerados pelas Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) desde 1964. Ela é reconhecida pela União Europeia, Canadá e Estados Unidos como uma organização terrorista e deixa anualmente milhares de mortos. Devido a isso em 2007 o Congresso dos EUA congelou o pedido da assinatura do Tratado de Livre Comércio com a Colômbia até não ter garantias de que o seu governo mudará sua posição em relação à violação dos direitos humanos causados pelo grupo praticante de terrorismo.

Desde inícios de seu primeiro mandato, Uribe teceu uma estreita aliança estratégica com os EUA, que incluiu uma declaração explícita de apoio à segunda guerra do Iraque, uma quantidade considerável de posições em comum em organismos internacionais e uma posição bastante similar quanto à luta antiterrorismo internacional após os eventos de 11 de setembro; logo a medida da nação norte americana, causou um impacto considerável a Colômbia.

O político já protagonizou desavenças políticas e comerciais com alguns países de esquerda latino-americanos; o presidente brasileiro Luiz Inácio da Silva e o venezuelano Hugo Chávez; justamente por ambos adotarem uma certa oposição aos Estados Unidos em aspectos econômicos e sociais.

Embora tais extremidades em relação a esse assunto tenham caído sobre seus ombros em países afora, Álvaro desde o início de seu mandato adotou prevenções de segurança contra a facção, que foram vistas positivamente pela população. O PIB do país em 2007 é de 206,2 bilhões USD.



24. Estados Unidos Mexicanos

O Estados Unidos Mexicanos é membro oficial da Organização dos Estados Americanos (OEA) desde sua fundação, em 1948. Divergente da maioria dos países latino-americanos com governos voltados para esquerda ou centro-esquerda; em 2007, o ano em que se passa o comitê, o México era governado por Felipe Calderón, presidente conservador

ligado ao Partido da Ação Nacional (PAN) e eleito em uma acirrada disputa contra Andrés Manuel López (centro-esquerdista) em 2006.

Neste ano, a taxa de crescimento do país caiu de 4,8% a 3,3%, devido principalmente à queda da economia estadunidense, que constituía 80% das exportações mexicanas. O seu PIB per capita era de 9.642,68 USD.

O México sempre esteve mais ligado aos Estados Unidos e pouco integrado com os vizinhos do sul. Desde que foi eleito, o presidente Calderón tem dado sinais de que pretende mudar isso, se aproximando mais dos vizinhos do sul. Em 2007, em um encontro com o presidente brasileiro Luiz Inácio da Silva, Felipe manifestou um interesse em preservar e aumentar a aliança com os países latino-americanos em questões bilaterais e comerciais, com parcerias principalmente na área de petróleo (PETROBRÁS E PREMEX).

De modo geral, Calderón manteve uma boa política externa com as suas nações vizinhas. O político era defensor da infraestrutura mesoamericana, que posteriormente se fundiu com um projeto de infraestrutura similar, o "Plano Puebla-Panamá (PPP)". O político expandiu a integração com os países do acordo, incluindo depois a Colômbia e formou um acordo de cooperação contra o crime organizado na região.



25. Reino Unido da Grã-Bretanha (MEMBRO OBSERVADOR)

O Reino Unido é uma nação insular soberana localizada na costa noroeste do continente europeu. A Grã-Bretanha foi fundada após a ascensão do Estado Livre Irlandês em 1922, que se tornou independente da família real britânica. Os países soberanos estão localizados no nordeste da Grã-Bretanha e da Irlanda, bem como em muitas outras ilhas menores. É uma união política de quatro países constituintes, sendo eles a Inglaterra, a Irlanda do Norte, a Escócia e o País de Gales, tendo um governo regido por um sistema parlamentar, com a sede em Londres e uma monarquia constitucional, com a rainha Elizabeth II como chefe de Estado.

A Grã-Bretanha é o último reduto do trabalho nas partes ricas do Velho Mundo e pode acabar com a chamada "onda rosa" que desencadeou movimentos semelhantes na América Latina. O auge da centro-esquerda na Europa apareceu em 1998, quando os governos da França, Itália, Alemanha e Reino Unido estavam todos ligados ao trabalho ou ao socialismo. De acordo com os padrões do continente africano, países de economia média (como Holanda e Suécia) também se juntaram a esses países. Com exceção dos britânicos, todas as pessoas mencionadas elegeram líderes conservadores para substituir os progressistas.

De acordo com os dados revisados do Bureau of Statistics do Reino Unido, o produto interno bruto (PIB) do Reino Unido no quarto trimestre de 2007 aumentou 2,8% em comparação com o mesmo período do ano passado, a menor taxa de crescimento anual dos últimos dois anos. A estimativa anterior indicava expansão de 2,9%. Em 2007 como um todo, a expansão da economia britânica também foi reduzida para um crescimento de 3%. Previsto para crescer 3,1%, a taxa de crescimento do PIB no quarto trimestre foi mantida em 0,6% em relação ao terceiro trimestre. Os economistas esperavam que os dados do PIB do quarto trimestre não fossem revisados. A agência

também revisou a expansão da economia britânica no terceiro trimestre do ano passado para um crescimento de 0,6%, ante a projeção anterior de 0,7%, 1%, e a projeção anterior de um crescimento de 0,2%. No terceiro trimestre, os gastos aumentaram 0,8%.

O papel do Reino Unido da Grã-Bretanha no comitê está centrado em defender os movimentos de centro-esquerda.



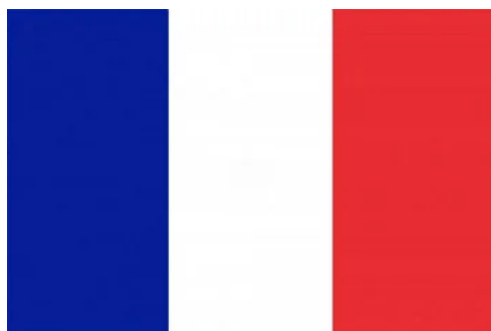
26. República da Índia (MEMBRO OBSERVADOR)

A República da Índia participará do debate como membro observador, visto que ela não constitui a Organização dos Estados Americanos (OEA), embora tenha interesse em manter ou melhorar suas relações comerciais e políticas com os países pertencentes a ela.

No ano em que se passa o comitê (2007), Pratibha Patil, a primeira mulher a assumir o cargo de presidência na Índia e pertencente ao Congresso Nacional Indiano, havia entrado no poder em junho. Ela era malvista pela sua população logo no início de seu mandato, visto que acreditava fielmente em forças sobrenaturais e alegava manter contato com mortos, já afirmou que pessoas com doenças hereditárias devem ser exterminadas e possuía suspeita de desvio de dinheiro público.

Patil demonstrava grande interesse em expandir o mercado nacional: A líder política fundou o VidyaBharati Shikshan Prasarak Mandal, um instituto educacional que administra uma rede de escolas e faculdades em Amravati, Jalgaon, Pune e Mumbai. Ela também criou Shram Sadhana Trust, que administra albergues para mulheres trabalhadoras em Nova Delhi, Mumbai e Pune, e uma faculdade de engenharia para estudantes rurais no distrito de Jalgaon.

A Presidente demonstrou interesse ao longo de seu mandato em manter boas relações comerciais com os países da América Latina: o Brasil era o seu maior sócio na região. O comércio bilateral havia superado três bilhões de dólares, além de ambos também serem parceiros em outras áreas, como nas reuniões da Organização Mundial do Comércio (OMC), dentro do G8 e na ONU.



27. República Francesa (MEMBRO OBSERVADOR)

A França é um país, ou mais especificamente, um único país localizado na Europa Ocidental, com várias ilhas e territórios ultramarinos em outros continentes. É conhecida como o berço da primeira enciclopédia do mundo, a chamada enciclopédia, com 35 volumes, publicada entre 1751 e 1766, que coincidiu com meados do Iluminismo no século XVIII.

Os principais ideais do país estão incorporados na Declaração dos Direitos Humanos e Civis. A República Francesa é definida pela Constituição como indivisível, laica, democrática e social. A França é um dos países mais desenvolvidos do mundo. É a sétima maior economia do mundo em

termos de produto interno bruto (PIB) nominal, a nona maior economia do mundo em termos de paridade de poder de compra e a segunda em toda a Europa.

A economia francesa tem crescido a um ritmo fraco - uma taxa média de crescimento de 1,5% nos últimos cinco anos. A taxa de desemprego é de cerca de 10%, e a taxa de desemprego dos imigrantes e seus descendentes é duas a quatro vezes maior. Para piorar a situação, a França tradicional afirmou repetidamente que não gosta de "árabes", o que muitas vezes é repetido por comunidades de imigrantes. A insolação nas favelas não é apenas física, mas também moral. Depois do 11 de setembro, a situação piorou, embora a França tenha se posicionado contra a guerra no Iraque.

De acordo com a previsão do Banco Central da França, a economia francesa crescerá 2% em 2006. De acordo com as projeções do Banco da França, após a estagnação da Zona do Euro no terceiro trimestre deste ano, a economia do país crescerá 2% neste ano. A expectativa é de um aumento de 0,6% no quarto trimestre. As estimativas do banco central ficam abaixo das apresentadas ontem pelo instituto nacional de estatística francês que indicam um crescimento de 0,9% no quarto trimestre e de 2,1% no conjunto do ano. O índice de confiança do banco central francês poderá ficar, em novembro, nos 106 pontos, o mesmo valor registado no mês anterior. Os dois turnos das eleições presidenciais francesas de 2007 foram realizados em 22 de abril e 6 de maio de 2007. O objetivo era eleger o presidente que sucedeu a Jacques Chirac e, o eleito foi Nicolas Sarkozy, com 50,6% dos votos.

28. Federação Russa (MEMBRO OBSERVADOR)



A Rússia, em 2007, era governada por Vladimir Putin, que atuava em seu terceiro mandato seguido no país. O presidente faz parte do partido Rússia Unida, considerado o mais famoso, seguido pelo Partido Comunista. O partido descreve-se como sendo de centro - mesmo com muitos acreditando que os participantes seguem uma vertente mais voltada para a direita - conservador, defensor da intervenção

do Estado na economia e dos valores tradicionais. A Rússia Unida mantém relações de cooperação e acordos com alguns países, entre eles o Partido Comunista de Cuba e o Partido Socialista Unido da Venezuela.

Uma vez que a URSS apoiava governos de cunho comunista, as políticas “antiamericanas” cresceram não só na união, mas também nos países apoiados por ela. Principalmente no início dos anos 2000, Putin visitou diversos países da América Latina, e vice-versa: os países mais visitados pelo presidente russo foram Cuba, Venezuela, Brasil e Nicarágua.

Além de relações diplomáticas, os países da América Latina são grandes compradores de armas russas.

No contexto do comitê, a Rússia atua como membro observador, mas sempre mantém sua posição contra os EUA e apoiando países socialistas/comunistas.



29. República Popular da China (MEMBRO OBSERVADOR)

A China é o terceiro maior país do mundo e o mais populoso, com aproximadamente 1,318 bilhão de habitantes (2007). Seu governo é uma república popular socialista, sob a liderança do Partido Comunista da China, funcionando como uma ditadura democrática popular da classe trabalhadora. Apesar das políticas

socialistas do governo, como o maior intervencionismo do Estado na economia, a China possui as chamadas Zonas Econômicas Especiais, ou ZEE's, que são áreas com abertura ao capital estrangeiro e produção industrial em massa voltada para a exportação e que constituem o principal motivo de desenvolvimento econômico do país.

A década de 2000 foi crucial para o grande desenvolvimentismo chinês, como se pode ver, devido ao “boom” das commodities. A grande influência chinesa na área, sem dúvidas, também auxiliou no crescimento da esquerda latino-americana.

A importância da China para as discussões do tema está pautada, principalmente, no reforço dos ideais intervencionistas e emancipatórios da esquerda. Será necessário ressaltar a relação do país com a América Latina nos últimos anos como uma forma de desenvolvimento mútuo, tal como sua interdependência.



30. República da África do Sul (MEMBRO OBSERVADOR)

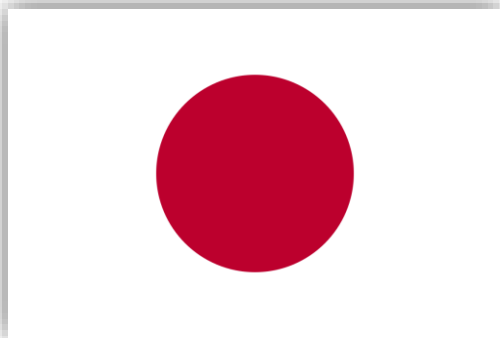
A República da África do Sul participará do debate como membro observador, visto que ela não constitui a Organização dos Estados Americanos (OEA), embora tenha interesse em manter e/ou melhorar suas relações comerciais e políticas com os países pertencentes a ela.

No ano em que se passa o comitê (2007) Thabo Mbeki, pertencente ao Partido Congresso Nacional Africano, é o segundo presidente da história do país. A sua política econômica de acordo com especialistas era fiscalmente conservadora, mas pragmática, com foco na inflação e na liberalização do comércio como meio de aumentar o crescimento do emprego e a renda familiar.

Mbeki usou sua posição no cenário mundial para pedir o fim do apartheid global, um termo que ele usa para descrever a disparidade entre uma pequena minoria de nações ricas e muitos Estados empobrecidos no mundo, argumentando que uma “A sociedade humana global baseada na pobreza para muitos e na prosperidade para poucos, caracterizada por ilhas de riqueza, rodeada por um mar de pobreza, é insustentável”.

Ao longo de seu mandato recebeu críticas em todo o mundo por sua posição sobre a AIDS. Ele questionou a ligação entre o HIV e a AIDS e acreditava que a correlação entre a pobreza e a taxa da doença na África era inexistente. Estima-se que sua proibição de medicamentos antirretrovirais em hospitais públicos seja responsável pela morte prematura de 330.000 a 365.000 pessoas. Além

disso, em janeiro de 2007, o relatório *preliminar do* Mecanismo Africano de Avaliação pelos Pares (APRM) sobre a África do Sul foi lançado. Isso observou que o país tem a segunda maior taxa de homicídios do mundo, com cerca de 50 pessoas mortas por dia, e que, embora crimes graves tenham sido relatados em queda, analistas de segurança disseram que o uso de violência em roubos e estupros são mais comuns Mbeki em resposta disse em uma entrevista que o medo do crime era exagerado.



31. Estado do Japão (MEMBRO OBSERVADOR)

O Estado do Japão, no ano que se passa o comitê, 2007, era governado pelo Primeiro Ministro Shinzō Abe, um político conservador pertencente ao partido liberal democrata que se apresenta como membro observador, visto que não constitui a OEA, mas mantém comerciais com países americanos

Os países da América Latina e do Caribe constituem para o Japão um importante parceiro com o qual compartilha valores como democracia e livre mercado. O país está expandindo sua presença por meio de ações de integração regional, como SICA, MERCOSUL, CARICOM, e CAN e a conclusão de acordos de livre comércio com outras nações. Além disso, como resultado do forte aumento dos preços de metal e de energia, nos últimos anos, a região está atraindo a atenção da potência asiática como um importante fornecedor de recursos minerais e de energia (por exemplo, ferro, cobre, prata, óleo em bruto, gás natural, e biocombustíveis) e alimentos (por exemplo, carne e soja).

Neste ano, o governo foi marcado por uma série de escândalos de corrupção política e gafes de seus subordinados, logo sua taxa de popularidade era apenas de 35%.

A parcela global do Japão, que, segundo os dados, corresponde a 8,1% global, é a menor desde que os números começaram a ser coletados, representando uma queda de 0,9% em relação a 2006, embora permanecesse como segunda maior potência mundial, com o PIB de 4,515 trilhões de dólares e um enorme foco em indústrias de eletrônicos (carros, jogos eletrônicos, eletrodomésticos) sendo sua maior exportação.

De modo geral, Abe em seu primeiro mandato manteve intensas relações comerciais principalmente com a China, sua maior rival comercial, e os EUA. A abertura de países asiáticos para o comércio, fez com que as suas importações com países da América Latina reduzissem consideravelmente.



32. República Federal da Alemanha (MEMBRO OBSERVADOR)

A Alemanha é um país localizado na Europa Central e possui a maior população da União Europeia, além de ser o terceiro maior lar para migrantes internacionais no mundo.

A Alemanha experimentou sua primeira "crise", que foi uma estagnação econômica de longo prazo entre 2000 e 2005, e respondeu com uma série de reformas em 2003, a Agenda de 2010. A lenta recuperação após 2006 repentinamente parou de ser divulgada quando a crise financeira global estourou. Mas a Alemanha resistiu bem à Grande Recessão. Muitos observadores acreditam que as reformas da agenda e a força industrial da Alemanha são as razões para este bom desempenho. No entanto, um olhar mais atento revelará uma imagem diferente e ambígua. A vitória da Alemanha teve um preço alto: aumento da desigualdade interna e crises da dívida externa.

A economia alemã cresceu 2,5% em 2006, a maior conquista desde o crescimento de 3,5% em 2000. De acordo com o governo, o bom desempenho do país se deve ao aumento da demanda interna, bem como à geração de empregos e gastos das empresas. Além disso, segundo analistas, 2006 foi também o ano em que a economia alemã deixou de depender exclusivamente das exportações para promover o crescimento econômico e passou a contar com o crescente mercado interno. Em conclusão, o papel da República Federal da Alemanha no comitê está centrado em defender os movimentos de centro-direita.

33. Organização Internacional do Trabalho (MEMBRO OBSERVADOR)



A Organização Internacional do Trabalho (OIT) ou *International Labour Organization (ILO)* é um órgão multilateral da ONUe possui sua sede em Genebra, Suíça, sendo responsável por aquilo que tange ao trabalho, especialmente naquilo que se refere ao cumprimento de normas internacionais, procurando promover a todos o acesso a um “trabalho decente” e produtivo, em condições de liberdade, equidade, segurança e dignidade humanas. Esses fatores são vistos pela organização como fundamentais para a superação da pobreza, redução das desigualdades sociais, garantia da governabilidade democrática e desenvolvimento sustentável.

A OIT crê que a paz universal somente pode se basear na justiça social, tendo como quatro principais pilares:

1. A garantia da liberdade sindical e do direito de negociação coletiva;
2. Eliminação de todas as formas de trabalho forçado;
3. Abolição efetiva do trabalho infantil;
4. Eliminação de todas as formas de discriminação no que se trata ao ambiente e tipo de trabalho.

No contexto do comitê, a Organização Internacional do Trabalho possui papel fundamental na defesa de políticas laborais que beneficiem o trabalhador. O fato de os governos na América Latina terem dinamizado o mercado de trabalho, especialmente por captar e distribuir rendimentos por meio de políticas sociais, investindo no consumo das famílias e, dessa forma, diminuindo o desemprego, promove um imaginário de que esses direitos trabalhistas deveriam ser alcançados no mundo todo, especialmente em países centrais do capitalismo. Assim, cabe à OIT, como membro observador, fornecer dados e ideias, à fim de auxiliar na criação de um plano de desenvolvimento econômico e social, atendendo aos interesses da maioria dos países.

34. Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (MEMBRO OBSERVADOR)



A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) ou *Organization for Economic Co-operation and Development (OECD)* é um fórum de 35 países que promove

padrões de convergência em vários tópicos, tais como: questões econômicas, financeiras, comerciais, sociais e ambientais. Os encontros e debates promovidos por essa organização permitem a troca de experiências e a coordenação de políticas nas diferentes áreas de ação governamental. Foi criada em 1961 com o objetivo de promover o desenvolvimento e a estabilidade econômica de seus países membros.

A OCDE sucedeu à Organização para a Cooperação Econômica Europeia (OEEC). A OECE foi criada em 1948 para administrar os recursos disponibilizados pelo Plano Marshall para a reconstrução da Europa no pós-guerra, promover a cooperação entre os países europeus e discutir uniões aduaneiras e zonas de livre comércio no continente para promover o desenvolvimento. Na época de sua criação, a OECE abrangia os seguintes países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, França, Grã-Bretanha, Itália, Noruega, Portugal, Suíça, Suécia, Turquia e Espanha. Estados Unidos e Canadá eram países associados. A OECE esteve em atividade entre 1948 e 1961, quando foi substituída pela OCDE. A OCDE passou a incluir, além dos antigos membros, Estados Unidos e o Canadá, interessados no sucesso econômico alcançado pela organização na reconstrução da Europa.

De acordo com o Ministério da Educação, o principal órgão educacional da OCDE é o Comitê de Política Educacional. Foi criado em 2007 e desde então coordena todas as atividades relacionadas a esta área. O objetivo é ajudar os Estados-Membros e parceiros a promover uma educação de qualidade e sustentável. Portanto, para ajudar os países a desenvolver sistemas educacionais eficazes, por meio da melhoria dos processos e resultados de aprendizagem, este comitê fornece seus dados e análises sobre esses processos. A educação por meio de "*Education at a Glance: OECD Indicators*" é a principal fonte de informação sobre educação no mundo. Esta pesquisa fornece dados sobre a estrutura, finanças e desempenho dos sistemas educacionais em países membros da OCDE e parceiros.

O papel da OCDE no comitê está centrado em auxiliar os países a traçar um plano de desenvolvimento da América Latina mais seguro e social e economicamente benéfico.

VI. Bibliografia

I. A Organização dos Estados da América (OEA)

<https://www.preparaenem.com/geografia/organizacao-dos-estados-americanos-oea.htm>

<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/oeaorganizacao-dos-estados-americanos.htm#:~:text=A%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20dos%20Estados%20Americanos,a%20democracia%20no%20continente%20Americano>

II. A “Onda Rosa” ou Onda Progressista

https://pt.wikipedia.org/wiki/Guinada_à_esquerda

<http://educacao.globo.com/historia/assunto/guerra-fria/ditaduras-na-america-latina.html>

<https://minionupucmg.files.wordpress.com/2018/06/cdh-2019-pdf.pdf>

<https://atlas.fgv.br/marcos/revolucao-de-1964/mapas/ditaduras-militares-na-america-latina-dos-anos-1960-70>

<https://agenciaprisma-por-dentro-da-polarizacao.netlify.app>

<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/ditaduras-da-america-latina/>

https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/09/internacional/1470773581_290457.html

<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/consenso-washington.htm>

https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/revolucao-cubana?gclid=cj0kcqiazkzknbhdiaisapsk0wjw3jvjgup_bjsgrcol58kljtrjmsplpzoa3xhdxl1i1c3ir2uqb8uaalvoealw_wcb

<https://www.gestaoeducacional.com.br/revolucao-cubana/>

<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/revolucao-cubana.htm>

<https://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/569025-a-fragmentacao-da-esquerda-a-crise-da-praxis-e-a-melancolia-entrevista-especial-com-sabrina-fernandes>

<https://seer.ufs.br/index.php/historiar/article/download/15950/11877>

<https://www.imf.org/pt/News/Articles/2018/06/20/blog-how-the-commodity-boom-helped-tackle-poverty-and-inequality-in-latin-america>

<https://valor.globo.com/mundo/noticia/2021/07/27/novo-boom-das-commodities-pode-reerguer-o-brasil.ghtml>

<https://agenciaprisma-por-dentro-da-polarizacao.netlify.app>

<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/governo-luis-inacio-lula-da-silva.htm>

GALEANO, Eduardo (1971) - As Veias Abertas da América Latina. (Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 2008)

III. Relações exteriores da América Latina

["O que está ocorrendo na América Latina?" - Vatican News](#)

[Economia Latino-americana: 2007 \(ecoamericalatina.blogspot.com\)](#)

[A Economia Latino Americana - Mundo Educação \(uol.com.br\)](#)

[América Latina - Geografia Enem | Educa Mais Brasil](#)

[DIT: Divisão Internacional do Trabalho - Toda Matéria \(todamateria.com.br\)](#)

[ENEM 2020: Escrito na década de 1970, o texto considera a participação da América Latina na Divisão Internacional do Trabalho marcada pela - INDAGAÇÃO \(indagacao.com.br\)](#)

[Tudo sobre a Bolívia: Classificação na D.I.T.](#)

[Guinada à esquerda – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#)

[Bush muda postura e busca aproximação com América Latina \(jb.com.br\)](#)

[América Latina X Estados Unidos: uma relação turbulenta \(editoracontexto.com.br\)](#)

[A AMÉRICA LATINA E OS ESTADOS UNIDOS: AS RELAÇÕES POLÍTICAS E ECONOMICASESTADUNIDENSES NOS ANOS DE GOVERNO DE RONALD REAGAN COM RELAÇÃO À REGIÃO \(1981-1989\). \(webartigos.com\)](#)

<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/alba-alternativa-bolivariana-para-as-americas.htm>

<https://www.infoescola.com/economia/alianca-bolivariana-para-as-americas/>

<https://www.politize.com.br/alca-bloco-area-de-livre-comercio-das-americas/>

<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/alca.htm>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercado_Comum_do_Sul

<https://tudo-sobre.estadao.com.br/mercosul-mercado-comum-do-sul>

<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/mercosul.htm>

<https://www.novo.justica.gov.br/sua-protecao-2/cooperacao-internacional/atuacao-internacional-2/foros-internacionais/uniao-das-nacoes-sulamericanas-unasul>

<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/unasul.htm>

IV. Representações

Comunidade das Bahamas

<https://www.terra.com.br/noticias/mundo/esquerdista-perry-christie-toma-o-poder-nas-bahamas,aa3965fbf1bda310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>

https://en.wikipedia.org/wiki/Perry_Christie

República de Cuba

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Cuba>

República Argentina

[Eleição presidencial na Argentina em 2007 – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#)

[Frente para a Vitória – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#)

[Kirchnerismo – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#)

[Argentina - Mundo Educação](#)

Estado Plurinacional Boliviano

[Evo Morales – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#)

[Movimento ao Socialismo – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#)

[Bolívia - Mundo Educação \(uol.com.br\)](#)

[Evo anuncia que Bolívia terá mais nacionalizações em 2007 - Vermelho](#)

República da Costa Rica

[Óscar Arias – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#)

[PLN — Enciclopédia Latinoamericana](#)

República da Nicarágua

[Daniel Ortega – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#)

[Frente Sandinista de Libertação Nacional – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#)

[A evolução do regime do presidente Daniel Ortega a partir de 2007 \(cadtm.org\)](#)

[Tudo Sobre a Nicarágua - Geografia, História e Cultura - Cola da Web](#)

[Ocupação da Nicarágua pelos Estados Unidos – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#)

Canadá

[Stephen Harper – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#)

[Relações Canadá-América Latina - Canada–Latin America relations - abcdef.wiki](#)

[Partido Conservador do Canadá – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#)

República de El Salvador

[Antonio Saca – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#)

[El Salvador — Enciclopédia Latinoamericana](#)

[Economia de El Salvador – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#)

República do Panamá

[Martín Torrijos – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#)

[Partido Revolucionário Democrático – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#)

[Tratados Torrijos-Carter – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#)

[Canal do Panamá: construção, localização e mais - Brasil Escola \(uol.com.br\)](#)

Estados Unidos da América

https://pt.wikipedia.org/wiki/Estados_Unidos#Pol%C3%ADtica

<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Pelo-Mundo/EUA-e-America-do-Sul-entre-a-negligencia-e-a-militarizacao/6/50071>

<https://www.opendemocracy.net/pt/america-latina-vinte-anos-9-setembro-oportunidade-desperdicada/>

República do Haiti

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/missao-de-paz-no-haiti-9-momentos-para-entender-a-historia-da-operacao-liderada-pelo-brasil.ghtml> ; <https://pt.wikipedia.org/wiki/Haiti> ;

[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/a/a1/US_Navy_100316-N-9116F-001_A_Brazilian_U.N._peacekeeper_walks_with_Haitian_children_during_a_patrol_in_Cite_Soleil.jpg/220px-US_Navy_100316-N-9116F-](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/a/a1/US_Navy_100316-N-9116F-001_A_Brazilian_U.N._peacekeeper_walks_with_Haitian_children_during_a_patrol_in_Cite_Soleil.jpg/220px-US_Navy_100316-N-9116F-001_A_Brazilian_U.N._peacekeeper_walks_with_Haitian_children_during_a_patrol_in_Cite_Soleil.jpg)

[001_A_Brazilian_U.N._peacekeeper_walks_with_Haitian_children_during_a_patrol_in_Cite_Soleil.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/a/a1/US_Navy_100316-N-9116F-001_A_Brazilian_U.N._peacekeeper_walks_with_Haitian_children_during_a_patrol_in_Cite_Soleil.jpg)

República Oriental do Uruguai

https://pt.wikipedia.org/wiki/Tabaré_Vázquez

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Frente_Ampla_\(Uruguai\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Frente_Ampla_(Uruguai))

<https://brasil.elpais.com/internacional/2020-12-06/morre-tabare-vazquez-o-primeiro-presidente-de-esquerda-da-historia-do-uruguai.html>

<https://www.icj-cij.org/en/case/135>

República do Paraguai

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2502200702.htm>
https://pt.wikipedia.org/wiki/Nicanor_Duarte

República do Chile

<https://diplomatie.org.br/retrocessos-e-avancos-do-governo-bachelet/>
https://pt.wikipedia.org/wiki/Michelle_Bachelet
https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2006/12/061205_pressreviewrw
http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400191834_ARQUIVO_MichelleBacheletanpuhrevisadoluizamalta.pdf

República Federativa do Brasil

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Brasil>
https://pt.wikipedia.org/wiki/Governo_Lula
https://pt.wikipedia.org/wiki/Escândalo_do_mensalão

República Bolivariana da Venezuela

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Venezuela>
https://pt.wikipedia.org/wiki/Hugo_Chávez
<https://mundoeducacao.uol.com.br/historia-america/hugo-chavez.htm>
<https://oglobo.globo.com/economia/economia-da-venezuela-expande-se-85-no-quarto-trimestre-de-2007-3626197>

República de Honduras

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Honduras> ; https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_de_Honduras ;
<https://paises.ibge.gov.br/#/dados/honduras> ;

Jamaica

https://pt.wikipedia.org/wiki/Jamaica#Governo_e_pol%C3%ADtica ;
https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_primeiros-ministros_da_Jamaica ;
https://pt.wikipedia.org/wiki/Portia_Simpson-Miller ;

República Cooperativa da Guiana

[https://www.infopedia.pt/\\$guiana](https://www.infopedia.pt/$guiana) ; <https://pt.wikipedia.org/wiki/Guiana#Economia>
https://pt.wikipedia.org/wiki/Bharrat_Jagdeo

República de Guatemala

[Gran Alianza Nacional - Wikipedia, la enciclopedia libre](#)
[Economia da Guatemala – Wikipédia, a enciclopédia livre](#)
[Estado de direito – Wikipédia, a enciclopédia livre](#)
[Óscar Berger – Wikipédia, a enciclopédia livre](#)
[Guatemala - Mundo Educação](#)

República do Equador

https://pt.wikipedia.org/wiki/Rafael_Correa
[Alianza País – Wikipédia, a enciclopédia livre](#)

[Economia do Equador – Wikipédia, a enciclopédia livre](#)

[Após 11 anos de atritos, Equador e EUA retomam cooperação militar - 04/08/2018 - Mundo - Folha](#)

República do Peru

[Internacional Socialista – Wikipédia, a enciclopédia livre](#)

[Aliança Popular Revolucionária Americana – Wikipédia, a enciclopédia livre](#)

https://pt.wikipedia.org/wiki/Alan_Garc%C3%ADa

República da Colômbia

https://www.oas.org/pt/sobre/quem_somos.asp

<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,mais-de-8-mil-migraram-em-2007-por-conflitos-na-colombia,20070403p25534>

<https://www.scielo.br/j/rbpi/a/KBsJ58cBRfKRF8kjgBpGJvf/?lang=pt>

https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81lvaro_Uribe#Liga%C3%A7%C3%B5es_externas

<https://www.ceicdata.com/pt/indicador/colombia/market-capitalization>

<https://datosmacro.expansion.com/pib/colombia?anio=2007>

<https://veja.abril.com.br/mundo/uribe-reclamou-de-imperialismo-brasileiro-e-disse-que-lula-nao-honrou-promessas/>

<https://www.cartacapital.com.br/politica/as-disputas-e-traicoes-entre-aliados-na-america-latina/>

Estados Unidos Mexicanos

<https://www.cepal.org/es/publicaciones/25860-mexico-evolucion-economica-durante-2007-perspectivas-2008>

<https://pucminasconjuntura.wordpress.com/tag/onda-rosa/>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Felipe_Calder%C3%B3n

https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/08/070806_lulamexicodb_ac

Reino Unido da Grã-Bretanha

<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,pib-do-reino-unido-revisado-cresceu-3-em-2007,147317> ; https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_Unido ;

http://www.eceme.eb.mil.br/images/IMM/producao_cientifica/teses/eron-pacheco-da-silva.pdf

República da Índia

<https://www.camara.leg.br/noticias/116293-presidente-da-india-defende-mais-integracao-com-o-brasil/>

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2008/04/391242-presidente-indiana-chega-ao-brasil-neste-sabado.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2008/09/447317-em-ny-lula-defendera-que-lideres-politizem-crise-financeira-mundial.shtml>

https://en.wikipedia.org/wiki/Pratibha_Patil

República Francesa

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1311200501.htm> ;

<https://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2007/eleicoesnafranca/> ;

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Fran%C3%A7a> ;
<https://www.scielo.br/j/sssoc/a/8ckBbwVKw5fhpZz6JLs4DgN/?lang=pt>

Federação Russa

[Vladimir Putin – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#)
[Rússia Unida – Wikipédia, a enciclopédia livre \(wikipedia.org\)](#)
[Rússia na América Latina: ameaça aos EUA? - Revista Opera](#)

República Popular da China

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/12/20/reformas-economicas-graficos-que-mostram-a-transformacao-da-china-em-40-anos.ghtml>
<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Pelo-Mundo/EUA-e-America-do-Sul-entre-a-negligencia-e-a-militarizacao/6/50071>
https://pt.wikipedia.org/wiki/Zonas_Econômicas_Especiais_da_China
<https://pt.wikipedia.org/wiki/China>

República da África do Sul

<https://www.scielo.br/j/rbpi/a/VnBhftbqmC8vV5d4RtWyL4x/?lang=pt>
https://en.wikipedia.org/wiki/Thabo_Mbeki

Estado do Japão

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Shinz%C5%8D_Abe#Primeiro_mandato_\(2006%E2%80%932007\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Shinz%C5%8D_Abe#Primeiro_mandato_(2006%E2%80%932007))
<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL934966-5602,00-PARTICIPACAO+DO+JAPAO+NO+PIB+GLOBAL+CAI+PARA.html>
<https://seer.sede.embrapa.br/index.php/RPA/article/viewFile/415/366>
<https://www.infomoney.com.br/mercados/exportacoes-japonesas-crescem-99-em-2007-e-batem-recorde-2/>
<https://www.infomoney.com.br/mercados/exportacoes-japonesas-crescem-99-em-2007-e-batem-recorde-2/>
https://www.mofa.go.jp/la_c/sa/page3e_000199.html
<https://www.mofa.go.jp/policy/oda/white/2007/ODA2007/html/honpen/hp202030600.htm>

República Federal da Alemanha

<https://www.cnnbrasil.com.br/business/economia-dos-anos-merkel-foi-marcada-por-criises-e-crescimento/> ; [https://nuso.org/articulo/a-alemanha-e-a-criise-vitorias-pirricas/#:~:text=Ao%20cabo%2C%20em%202007%2D2008,era%20a%20crescente%20desigualdade%20\(v.](https://nuso.org/articulo/a-alemanha-e-a-criise-vitorias-pirricas/#:~:text=Ao%20cabo%2C%20em%202007%2D2008,era%20a%20crescente%20desigualdade%20(v.) ; <https://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u113641.shtml>

Organização Internacional do Trabalho (OIT)

<https://blogdoibre.fgv.br/posts/alto-desemprego-no-brasil-comparacoes-internacionais>
http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3513/1/td_2024.pdf
https://pt.wikipedia.org/wiki/Organização_Internacional_do_Trabalho

<https://www.ilo.org/brasil/temas/lang--pt/index.htm>

Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)

<http://portal.mec.gov.br/encceja-2/480-gabinete-do-ministro-1578890832/assessoria-internacional-1377578466/20746-organizacao-para-a-cooperacao-e-desenvolvimento-economico-ocde> ; <https://www.infoescola.com/economia/organizacao-para-a-cooperacao-e-desenvolvimento-economico-ocde/> ; <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/ocde.htm> ; https://lh3.googleusercontent.com/proxy/J79uKOIg-QGOPOPHGoDtGRN-gRVRhsI3BZGHBCfZuuVhR6-17TXS4hjmzVW66tUnHiRMwXWc-_LdX9r7zFXgfhg2uCqaHmLwoHvLLqUM7cCfVUUdpF067hA